



ATOS DO CONSELHO SUPERIOR DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

I. Carta do Reitor Mor

Acolher a lição do Padre Rua — A função do magistério na Congregação. **A ORAÇÃO, PROBLEMA VITAL:** 1. **A oração está em crise** — Os traços negativos da situação — As causas são múltiplas 2. **A oração é necessária** — É indispensável ao religioso — Está no centro da tradição salesiana — 3. **A oração deve ser renovada** — Construir a comunidade com a oração — Transformar a vida em oração — Somos operadores da renovação.

II. Disposições e normas (faltam neste número)

III. Comunicações

1. Estreia do Reitor Mor para 1973 — 2. A beatificação do Padre Miguel Rua — 3. Nomeações de Inspetores — 4. Solidariedade fraterna — 5. Inaugura-se o "Salesianum" com uma "Semana de Espiritualidade" — 6. Pedido de fontes para dois volumes — 7. Emendas à edição inglesa das Constituições e Regulamentos — 8. Os noticiários inspetoriais — 9. Busca de dados para as Estatísticas Salesianas.

IV. Atividades do Conselho Superior e iniciativas do interesse geral

V. Documentos

1. Da "Carta do Reitor Mor à Família Salesiana": a) as novas obras de 1972; b) a crise de vocações — 2. A solidariedade fraterna,

VI. Magistério Pontifício

1. Bendigamos o Senhor: Padre Rua é bem-aventurado — 2. Sêde fieis à vossa vocação religiosa — 3. De que tem necessidade a igreja hoje?

VII. Necrológico (4.º elenco de 1972).

I. CARTA DO REITOR-MOR

Roma, janeiro de 1973.

Irmãos e filhos caríssimos,

eu vos estou escrevendo ainda sob a profunda e incancelável impressão da Beatificação do nosso Padre Miguel Rua. Na majestosa Basílica de São Pedro, toda esplendor de luzes e corações, o primeiro e humilde sucessor de Dom Bosco era apontado pelo Sumo Pontífice como exemplo e proposto ao culto da Igreja. Entrementes, multidão imensa de mais de 30.000 peregrinos vindos do mundo inteiro, irmãos na Missão e no espírito salesiano, exultava de alegria, vendo mais uma vez reconfirmada pelo Magistério oficial da Igreja a fecundidade espiritual do nosso carisma,

Acolher a lição do Padre Rua

O Santo Padre quis presentear-nos com uma belíssima homília. De modo especial exaltou no Padre Rua, “todo mansidão e bondade, todo obrigação e sacrifício”, a sua obra de fiel e criativo “*continuador*” de Dom Bosco. E “o fez — disse-nos em síntese cerrada — do exemplo do Santo (Dom Bosco) uma escola, da sua obra pessoal uma instituição que se estendeu, pode-se dizer, por toda a terra; da sua vida uma história, da sua regra um espírito, da sua santidade um tipo, um modelo; fez da fonte uma torrente, um rio”. Referindo-se em seguida à “prodigiosa fecundidade da Família Salesiana”, proferiu palavras que nos confundem e comprometem, definindo-a como “*um dos maiores e mais significativos fenômenos da vitalidade perene da Igreja no século passado e no nosso*”.

O Santo Padre nos animou a acolher a lição do Pe. Rua: “ele ensina aos Salesianos a permanecerem Salesianos, filhos sempre fiéis ao fundador”.

E nos traçou um como programa, ao dizer: “todos os filhos desta jovem e florescente Família Salesiana, hoje, sob o olhar amigo e paterno do seu Bem-aventurado, *caminham com entusiasmo pela estrada íngreme e reta da já confirmada tradição de São João Bosco.*

Bastem essas brevíssimas e incompletas referências para vos deixar entrever a importância deste documento pontifício, que recomendo à vossa leitura e reflexão.

Enquanto estava ouvindo a homilia, refletia sobre a herança espiritual que recebemos de Dom Bosco, sobre a responsabilidade enorme — que pesa sobre cada um de nós — de não entrar o seu dinamismo e a sua vitalidade e fecundidade espiritual, que de modo especial se manifesta nos seus frutos mais preciosos, os da santidade.

Depois, ao Ofertório, apresentei a Nosso Senhor, com a consciência do ministério a que indignamente fui chamado, de ser “Pai e centro de unidade” ⁽¹⁾, os anseios e esperanças da nossa Família e prometi, também em vosso nome, não faltar ao empenho prioritário, assumindo pela nossa Congregação no CGE, de “nos renovarmos na fidelidade”.

Consciente, pois, de que a minha “solicitude principal” é de “promover, em comunhão com o Conselho Superior, *constante e renovada fidelidade dos sócios à vocação salesiana*” ⁽²⁾, e certo de poder contar com a vossa colaboração” em acolher as diretrizes que derivam do meu mandato ⁽³⁾ pensei em me entreter convosco sobre um argumento que deve empenhar a fundo toda a vossa boa vontade, pois é de importância *vital* — a palavra é bem pensada — isto é, de vida ou de morte para a nossa Congregação.

(1) Constituições, art. 129.

(2) Ibid.

(3) Regulamentos, art. 95.

A função do magistério na Congregação

Antes de entrar no assunto, permiti vos relembre uns conceitos fundamentais. Não ignorais por certo que um dos deveres principais do superior religioso, em qualquer nível que seja, sempre, mas sobretudo hoje, é o dever a que podemos chamar de “magistério”. A saber, o de dirigir, orientar, animar e de indicar o caminho reto, corrigir a tempo os desvios, denunciar os abusos, definir em dados momentos as posições justas, de forma que todos possam conhecer, em determinada hora, com a clareza necessária, a norma que se deve seguir na Congregação.

Não é paternalismo e muito menos sufocar a liberdade individual. É, antes, defender a liberdade de quantos têm em certo sentido, direito a serem defendidos contra a torrente de “opiniões” que tornam tudo incerto e relativo. Eles têm, de fato, *direito* a saber positivamente qual é a direção da marcha do Instituto a que deram com plena consciência o próprio nome.

Essa direção não pode ser dada pela vontade de cada um, ou, pior ainda, por um grupo de pressão, qualquer cor que tenha, ou pelo líder ocasional, mas é reservada, como dever fundamental aos Superiores competentes, que disso têm — por dever de officio — preciso mandato e responsabilidade.

O “magistério” é óbvio — não se reduz nem se concentra na parte meramente negativa, de correção de erros ou desvios, mas tem sua aplicação principal na parte positiva, *de orientação*, visando a favorecer a fidelidade dinâmica à *vocação salesiana*, no sentido mais rico da palavra, como foi focalizado no recente CGE.

Não pode de maneira alguma ser um magistério arbitrário, mas deve ser modelado de contínuo pelas Constituições, que *orientam de forma estável o sentido da nossa profissão e lhe iluminam a fidelidade*” (4). Só assim é que se promove de forma adequada o incremento verdadeiro da Congregação, da sua missão e da sua vida.

(4) Constituições, art. 200.

Ao “magistério” deve corresponder a aceitação cordial, generosa, ativa por parte de todos os irmãos.

A força de um organismo, de uma Congregação religiosa, está na “coesão”, na unidade interna, em torno, fundamentalmente, a linhas de princípio e ação que definem a sua vocação ou que com ela têm referência direta ou indireta.

Verdade é que, sobre certos pontos que o Superior propõe, são possíveis em alguns casos opiniões diversas, pontos de vista diversos. Raras vezes, com efeito, se trata de dogmas.

Todavia, quando se propõe uma orientação, na maior parte dos *casos*, não é para discutí-la, para submetê-la ao crivo da crítica, mas para que seja executada.

Devo ser bem entendido. Não se quer ir assim contra a liberdade razoável de opiniões, nem diminuir a responsabilidade pessoal dos indivíduos, mas tão só sublinhar de maneira clara que a independência exagerada — que leva a tudo criticar e a selecionar pontos que se admitam segundo critérios de todo pessoais ou arbitrários — conduz à anarquia, à desintegração e pode ser causa de ruína para a Congregação.

A discussão, a contribuição pessoal, a sugestão ou a crítica já foram de ordinário feitos em sede prévia, mediante todos os órgãos de consulta ou deliberação colegial previstos nas Constituições.

Não é o caso de repetir infinitas vezes o processo para qualquer indicação, orientação ou prescrição emanadas pelos organismos competentes.

Um caso concreto. A Congregação por três anos foi mobilizada para análise crítica e aprofundada da sua vida e missão, a fim de chegar ao depois — através ainda do longo e penoso estudo dos Capitulares — à formulação dos critérios da renovação, contidos nas Constituições e Regulamentos renovados e iluminados pelos Atos do CGE.

Agora já não é o momento de “discutir” aquelas disposições ou — o que em certo sentido é ainda pior — “ignorá-las”, deixando-as de lado, julgando-as, segundo os casos, já “superadas” ou por demais “avançadas”, ou em absoluto “não correspondentes ao pensamento de Dom Bosco”. Este é o

tempo — como já disse em diversas ocasiões — de pôr por obra, executar, trabalhar na linha que nos foi traçada.

Por meio dos “Atos do CS” as orientações de programação

Quis recordar tudo isso, para que se dê a importância que se deve ao magistério na Congregação.

O Reitor-Mor e os membros do Conselho Superior têm consciência do pluralismo que há na Congregação no âmbito assinalado pelas Constituições, da descentralização que justamente o CGE introduziu, de certa autonomia ⁽⁵⁾ das Inspeções, em vista da subsidiaridade; e examinam-se de contínuo para respeitá-las, para não ir além dos limites do próprio mandato.

Mas ao mesmo tempo estão conscientes de ter o gravíssimo dever de exercer uma “ação de governo” para promover a unidade, o incremento da Congregação, a fidelidade à vocação salesiana em nível mundial, e para levar os órgãos periféricos a assumirem de fatos as responsabilidades que o CGE lhes demanda.

No passado a nossa Congregação teve grande força, porque era muito unida. Conseguiu superar muitas e graves provas, porque se prendia compacta a Dom Bosco, que estava sempre presente. Empreendeu com êxito indiscutível grandes obras, porque concentrou as suas forças de ação, não deixando que elas se espalhassem em riachos que a terra árida reabsorve, mas fazendo delas um rio verdadeiro.

Deixaram marca, semearam devoção mariana, difundiram método de educação, porque tinham uma norma, ia para a frente como exército eficiente e ordenado.

A nossa salvação, convençamo-nos, se acha na união.

Vou logo a uma aplicação prática. As orientações contidas nas Cartas do Reitor-Mor e os Atos do CGE sejam considerados como normas de programação de governo, visando a garantir uma norma comum de ação. Não são uma exor-

(5) Constituições, art. 162.

tação piedosa, que basta ler como quer que seja e depois pôr de parte. Devem ser objeto de reflexão, especialmente por parte dos Inspetores e Diretores e seus respectivos Conselhos. Não só isso, mas é dever estrito seu estudar o modo prático para fazê-los conhecer, assimilar e executar.

Quanto a nós, nos estamos agora esforçando para fazer chegar a tempo a tradução, para lhes facilitar o conhecimento e leitura e, como é óbvio, a sua execução.

Salesianos e Comunidades que por qualquer motivo ignoram os “Atos do Conselho Superior” e, em geral, as comunicações que interessam a Congregação, são em certo sentido como cidades a que se cortem os aquedutos ou os cabos da energia elétrica.

Falo-vos confidencialmente como um pai.

De modo particular chamo a vossa atenção para o argumento o argumento que vou tratar, argumento — dizia-vos — que considero de *vital* importância para a nossa vida e para a nossa renovação.

Falar-vos-ei com o coração nas mãos, com as confidências e a total liberdade de um pai que sabe se dirige a filhos adultos, sem vos esconder as minhas ansiedades e preocupações por causa do momento particularmente difícil que atravessamos.

Não desejo causar apreensões excessivas, nem transmitir uma visão de pessimismo.

Mas, por outro lado, não posso esconder o que julgo possa pôr em risco o futuro mesmo de nossa Sociedade, que tantas lágrimas e sacrifícios custou ao nosso Fundador e aos grandes pais da salesianidade.

Estou certo de encontrar em vós compreensão absoluta e de nos encontrarmos, como um só coração, empenhados com vontade decidida em viver em plenitude a nossa sempre entusiasmante vocação.

Falar-vos-ei, portanto, da *importância da oração, absolutamente indispensável para vivermos a nossa vocação e desempenharmos a nossa missão.*

A ORAÇÃO, PROBLEMA VITAL

No discurso aos membros do Capítulo Geral Especial o Santo Padre, chegando à conclusão, disse: “Temos uma última recomendação para fazer. *Diante dos riscos do ativismo excessivo e do influxo da secularização, a que hoje mais do que nunca estão expostas as comunidades religiosas, as vossas especialmente, que são lançadas para a ação, fazei de modo que ocupem sempre o primeiro lugar na vossa existência o cuidado da vida interior, a oração, o espírito de pobreza, o amor ao sacrifício e à Cruz*”.

Se o ajornamento desejado não reconduzisse o dinamismo apostólico a um contato mais íntimo com Deus, mas levasse a ceder à mentalidade secular, a favorecer modos e atitudes efêmeras, mutáveis e mundanas, então seria o caso de refletir seriamente sobre as severas palavras do Evangelho: “Se o sal se torna insípido, para mais nada vale, só serve para ser atirado fora e pisado pelos homens”⁽⁶⁾. O espírito do vosso Santo Fundador, que em vida foi tão aberto às necessidades das almas dos jovens, mas também sempre unido com Deus, parece-nos que hoje vos peça principalmente este empenho particular”⁽⁷⁾.

Do alto do seu magistério o Santo Padre nos assinala perigos verdadeiros e graves, riscos que estão, por assim dizer, de emboscada, e que nos podem fazer perder a identidade e validade vocacional, e nos aponta metas concretas (o cuidado da vida interior, a oração...) a que se deve dar o “primeiro lugar”. E isso nos é apresentado também pelo Papa como “empenho particular”, que *Dom Bosco nos pede “hoje”*.

As palavras do Papa fazem eco doloroso que confirma constatações preocupantes, que andei fazendo sobre a situação da oração na Congregação, no documento que foi considerado a “radiografia” da nossa mesma Congregação.

(6) Mt. 5, 13.

(7) Atos do CGE, 603.

1. A oração está em crise

Na “*Relação Geral sobre o estado da Congregação*” que apresentei por ocasião da abertura do CGE, já se constatava, ao lado de um esforço e progresso real no campo litúrgico, uma deserção ou desinteresse nas práticas principais que alimentam a nossa piedade, como a meditação, a leitura espiritual, o sacramento da penitência, a devoção mariana etc. E no que se refere à oração pessoal, mesmo sabendo das dificuldades de exprimir apreciações sobre realidades prevalentemente interiores e íntimas, dizia: “Isso não obstante, parece-nos se possa afirmar, em base a dados externos que possuímos, que na Congregação tivemos diminuição notável, abaixamento muito sensível do nível espiritual, sobretudo no setor da piedade e da vida espiritual”⁽⁸⁾.

E referindo-se às numerosas “defecções” que se deram durante o sexênio, “relação” citada num esforço de análise, indicava a “causa principal — como já dissera eu na minha carta de março de 1970 — na descaída do nível espiritual comunitário e pessoal, que em muitos casos chega a uma verdadeira perda da fé”⁽⁹⁾.

Como é que se apresenta a situação no pós-capítulo? Seria prematuro tentar uma apreciação cabal, mesmo porque não possuímos dados totalmente completos. Mas, pelo que já temos devo infelizmente dizer que não vemos ainda a retomada decidida e geral que é necessária e que se espera depois do CGE. E isso é motivo de preocupação grave.

Quando uma crise se prolonga demais, corre o risco de se tornar doença crônica, com as relativas e fatais consequências. É também verdade que em várias comunidades inspetoriais e locais houve progresso bem consolador e se trabalha com fervor e método para dar impulso e vitalidade à oração: já se notam frutos que nos enchem de alegria. Mas não podemos ignorar o outro lado do quadro.

(8) *Relazione Generale sullo stato della Congregazione*, pág. 32.

(9) *ibid.* pág. 42.

Os traços negativos da situação

Embora em medida relativa e de forma incompleta e talvez discutível, podem-se pôr em relevo estes traços negativos (que, como é intuitivo, não refletem uma situação universal, apesar de serem encontrados com certa frequência em várias latitudes): pouca sensibilidade à renovação litúrgica, pouca disponibilidade à concelebração (como forma privilegiada de “rezar juntamente”) considerada às vezes quase só como uma espécie de moda; certa resistência, sob pretextos inconsistentes, em aceitar a celebração em comum de orações litúrgicas como Laudes e Vésperas⁽¹⁰⁾ e as outras formas de oração comunitária; não suficientemente sentido o valor da expressão comunitária da oração para religiosa e para a construção mesma da comunidade.

Mais graves e profundas se manifestam as falhas na comunidade.

Mais graves e profundas se manifestam as falhas na linha da oração pessoal: deserção ou abandono total, em muitos casos, da meditação, da leitura espiritual; o mesmo se diga da visita ao Santíssimo, do Terço etc. Em outros casos deve-se lamentar o *esvaziamento* da meditação enquanto “oração mental”, substituindo-a arbitrariamente por formas diversas, apresentadas talvez com a marca da novidade, mas que não são de maneira alguma oração *verdadeira*. Empobrecimento apostólico do trabalho, feito por vezes só de maneira profissional, sem intenção nem projeção apostólica.

Poderia juntar outras constatações. A síntese dolorosa de tudo é esta: *reza-se pouco e mal*.

Assim um Inspetor fotografa a situação: “Certa ausência de Deus em nossas palavras e ações. Uma fé malferida. Corações cansados ou exaltados. Tempo insuficiente de orar e calma para a oração e a alegria. As motivações do agir carecem de raízes evangélicas e de força. Falta por demais a interioridade”. Nestas constatações sinceras e corajosas talvez se possam retratar não poucos dos nossos irmãos.

(10) Cfr. Constituições, art. 60 e Regulamentos art. 44.

As causas são múltiplas

Perante o quadro esboçado acima, é natural que se pergunte: quais são as causas desta situação? São muitas e convergentes, embora de natureza diversa.

Umhas têm raízes bem longínquas, complexas, sem que se possam facilmente perceber, pois em grande parte se trata de uma realidade interior que se identifica com a história íntima da vida espiritual do indivíduo.

Há, também, as de índole geral, que dependem do ambiente sociológico, da mudança de cultura, das correntes de pensamento, especialmente quanto à conceituação do homem e do mundo, de certas hipóteses ou teses teológicas ou pseudo-teológicas que, de fato, pelo menos se aceitam sem serem examinadas. Outras, ao invés, têm atinência mais direta com a nossa Congregação, como por ex., as mudanças notáveis no campo pastoral-educativo, os ritmos diferentes e novos da vida comunitária, ou então a falta real de “espaço” de tranquilidade para o recolhimento e diálogo com Deus. Não poucas causas afundam raízes no longínquo período da formação, onde muitas vezes se pode constatar um vácuo real na pedagogia da oração, agravado ao depois pelo nosso gênero de vida eminentemente ativo e pelas idéias muito aproximativas e inexatas sobre o papel da oração na vida salesiana.

Como se vê por esses acenos genéricos, as causas do fenômeno são múltiplas e não é este o lugar para lhe fazer diagnóstico completo e profundo. Isso é o que se poderá fazer utilmente em outros lugares e por pessoas competentes. Para a nossa finalidade bastará sublinhar algumas entre as causas mais comuns e decorrentes da crise, não só quantitativa mas também qualitativa, da oração.

O influxo da secularização

Entre as causas deve-se em primeiro lugar pôr em relevo o influxo da que hoje se chama “secularização”. Como bem sabemos, esse fenômeno é ambivalente. Ao lado de postulados positivos, que tendem a purificar a idéia de Deus e da religião, despojando-a de pseudo-estruturas deformadoras, há muitas outras conseqüências e corolários (alguns claramente

forçados, mas que têm sensível incidência, que exasperando a autonomia das “realidades terrestres” acabam por eliminar a Deus da cena do mundo, confinando-o praticamente numa transcendência fechada e inatingível, que não lhe deixa possibilidade de se ocupar do mundo e da sua história.

Uma das primeiras conseqüências da secularização orientada a dar espaço à criatura “fora” e “independentemente” de Deus, foi — e temos que dizer “logicamente”, desde que foram postas as premissas — a eliminação da oração: tese que teólogos “autonomistas” e também revistas de certo nível difundem e pretendem também justificar com muitos e capciosos argumentos.

A esse propósito seja-me lícito citar o pensamento do Card. Pellegrino, Arcebispo de Turim, que certamente não é suspeito de defender posições superadas. Depois de ter recordado que por vezes interveio em favor dos teólogos, precisa: “Mas, entendamo-nos bem. O critério para julgar em questões de fé e vida espiritual não pode ser em primeiro lugar a opinião de um teólogo e de quem se apresenta como tal. Acolhemos com reconhecimento a contribuição de todos. Porém, se um teólogo me vem dizer, por exemplo, que a oração de pedido não tem sentido, prefiro crer em Nosso Senhor Jsus Cristo, em São Paulo, no ensinamento e no uso de toda a Igreja.

“De resto parece não seja o caso de dar excessivo apreço à opinião de qualquer teólogo (suposto que o seja de verdade), enquanto, hoje, como ontem, a teologia repete, desenvolve e aprofunda o ensinamento da Escritura e da Tradição sobre o valor e a necessidade da oração, também da oração de pedido. Cito, entre outros, o testemunho de um teólogo que não é católico, Dietrich Bonhoeffer: “A criança reza ao Pai que conhece. Não é uma veneração genérica, mas pedir é a essência da oração cristã. Corresponde à atitude do homem diante de Deus, estar com as mãos levantadas rezando Aquele de quem sabe que tem um coração de pai”.⁽¹¹⁾

Não penso haja entre os Salesianos quem admita abertamente essas teses, mas elas não deixam de ter certa incidência. Dão às vezes com pessoas despreparadas e desprenidas.

(11) Card. M. Pellegrino, *Pregare o agire*, LDC, 1972 pág. 23.

Sem se perceber, vão-se acumulando idéias, preconceitos, influências, provenientes de várias fontes e partes e se acaba aceitando, tacitamente, na prática ao menos, que “hoje” na conceituação nova do mundo e da teologia, a oração já não seja tão necessária como antigamente se dizia. E como consequência acha-se que ela é um “peso”, para se libertar do qual não faltam “razões” ao alcance das mãos. Ou então, quando se reza, faz-se sem muito empenho, de modo que a oração se rebaixa ao nível de uma “observância” no sentido pejorativo da palavra.

Perante as consequências desta secularização deteriorante, no plano da vida pessoal, só pode haver uma atitude: resistir e reagir com uma intensa vida espiritual.

A tendência horizontalista

Talvez estejamos ainda mais expostos, por causa do tipo de vida ativa que levamos, à tendência “horizontalista”, que reduz a vida espiritual ao “serviço” dos pobres, à sua “libertação”, considerando na prática a oração como “alienante”, porque não se traduz em termos de eficiência imediata e sempre segundo essa tendência — distrai do empenho cristão que é essencial.

O Papa Paulo VI denunciava a tendência horizontalista nestes termos: “Todos conhecem a força negativa que assumiu esta atitude espiritual, segundo a qual não é a oração, mas é a ação que manteria desperta e sincera a vida cristã. O sentido social toma o lugar do sentido religioso...”⁽¹²⁾.

No começo de dezembro p.p. participei da reunião anual dos Superiores Gerais, que se ocupou precisamente do tema da oração. Tratou-se ainda da tentação “horizontalista” que a muitos religiosos arma insídias. Coadjuvados por dois peritos de valor — Padre B. Haering e Padre J. Loew — chegamos a algumas conclusões fundamentalmente valiosas, que resumo assim:

“A salvação nos vem tão somente de Deus e nos modos por que Ele quer. Não se pode, pois, separar o que Ele uniu:

(12) Paulo VI, Audiência Geral da quarta-feira 20.8.1969.

corpo e espírito, ação e contemplação, Deus e homem. O horizontal não pode ser curado senão pelo vertical. Não se pode esquecer a fonte.

“É evidente que a caridade tem no Evangelho e na vida dos santos uma extensão que não se reduz ao trabalho em prol dos outros. Antes dos homens está Deus, e com relação aos mesmos irmãos a caridade contempla outros aspectos que vão além da ação.

“Devemos ter presente que, assim como a Igreja no seu conjunto, assim também, todo cristão tem contínua necessidade de se “converter” e a conversão não se pode dar sem Deus. “Finalmente os religiosos de mera ação, que refutam a oração, acabam via de regra por abandonar a vocação original”.

A mim me parece que muito se deve refletir sobre estas conclusões que foram examinadas com atenção e são fruto de larguíssima experiência.

A difícil adaptação às mudanças

Outra causa da crise da oração pode individualizar-se na adaptação, que ainda não se conseguiu, a certas mudanças, quer no tipo do nosso trabalho educativo-pastoral, quer no ritmo da vida comunitária.

A exigência de tudo “compartilhar” com os jovens, própria da nossa missão educadora e do sistema preventivo, levava como consequência naturalmente admitida de que nos internatos (que representam o “tipo” de tantas das nossas obras) os Salesianos tivessem substancialmente (e vivessem) as mesmas práticas de piedade que as dos meninos. Nelas tomavam parte com maior intensidade e consciência, com maior perfeição. Mas as práticas eram as mesmas. Acrescentou-se mais tarde a meditação e a leitura espiritual, mas o momento forte de cada dia tinha como ponto de partida a “missa em comunidade” com os meninos.

Quando, depois de mudanças nem sempre felizes, nem graduais, nem introduzidas de modo pedagógico, acabou-se por reduzir ao mínimo ou mesmo por eliminar as práticas de piedade dos meninos, os Salesianos encontram dificuldade

em achar lugar para a celebração eucarística. Acabou-se infelizmente, em muitos casos por confiná-la a qualquer meia hora, para celebrá-la à pressa, nos momentos às vezes mais infelizes do dia.

As causas, porém, mais comuns da crise, é preciso procurá-las em nível pessoal, na falta de formação para a oração, na falta de exercício, de convicção, na incapacidade de concentração, na superficialidade, na diminuição da fé, no obscurecimento do ideal religioso, na falta de ascese, de liberdade interior, na pobreza de conteúdo etc. Em vez de insistir sobre esses aspectos negativos que podem ter ressaibos de exagero e pessimismo e para os quais alguém poderia talvez encontrar justificações fáceis, penso que será mais útil e construtivo aprofundarmos juntos e consolidarmos nossas convicções sobre a importância e *absoluta necessidade da oração*.

2. A oração é necessária

Disse, de caso pensado, necessidade e não obrigação. De fato, ao batizado — e mais ainda ao consagrado — responsabilmente cômico da sua opção de vida que fez, dizer-lhe que é obrigado a rezar é o mesmo que dizer a uma pessoa normal que para conservar a vida e para não morrer, tem obrigação de comer e respirar. Nutrir-se, respirar, é necessidade do homem, que não espera por certo uma ordem para fazê-lo. Só em situação anormal é que o homem deixa de comer, recusa o alimento. A aproximação não me parece em nada forçada, se se parte naturalmente de um princípio elementar da fé.

Mas esforcemo-nos por examinar mais a fundo o argumento. A oração é antes de tudo, necessária a toda vida cristã. É o que sem rodeios o Santo Padre afirma: “Sem própria, íntima, contínua vida interior de *oração*, de fé, de caridade *não nos podemos conservar cristãos*, não podemos participar útil e sabiamente da florescente reforma litúrgica, não podemos dar de modo eficaz testemunho da autenticidade cristã, de que se fala tantas vezes, não podemos pensar, respirar, agir, sofrer, esperar, em plenitude, com a Igreja peregrina e viva: é preciso rezar. Quer o conhecimento das coisas e dos acontecimentos, quer o misterioso, mas indis-

pensável auxílio da graça diminuem em nós e vêm a faltar, por deficiência de oração” (13). É verdade antiga tanto quanto a existência da Igreja, que desde o seu nascimento, seguindo o preceito de Cristo (14), era “perseverante” na oração (15).

É indispensável ao religioso

Ainda mais necessária, *indispensável* é a oração ao *religioso* enquanto representa uma das dimensões fundamentais do seu ser. O religioso é por definição, *homem de Deus*. Isso de “ser Deus”, não é só um fato jurídico de pertença, proveniente de um contrato que tem sua expressão na profissão pública e suas normas nas Constituições, mas é antes de tudo, um *fato espiritual*, íntimo, uma opção de vida, que brota do amor exclusivo e entusiasmador a Deus, e que necessariamente nos deve levar a *viver em amizade* com Ele. Ora para a amizade não basta uma declaração inicial seguida ao depois por uma ausência de relações.

Toda amizade deve ser cultivada, incrementada, demonstrada. Para aumentá-la requer-se a “presença” e o contato sente a necessidade de multiplicar essa “presença”. E que com o outro. E quanto mais cresce a amizade, tanto mais se é a oração senão esse *tratar com Deus*, escutá-lo, responder-lhe, voltar-se para Ele, elevar-se até Ele, ficar com Ele, procurar a comunhão com Ele?

As nossas Constituições renovadas nos dizem que é na oração que “a comunidade salesiana *reaviva a consciência da sua íntima e vital relação com Deus* e da sua missão de salvação” (16) e que a oração mental “*nutre nossa intimidade com Cristo e com o Pai, despertando o amor*” (17).

A oração é, pois, exigência vital. Por isso a falta de oração, mais que falta no sentido moral, é “ir perdendo o sentido da vida”. É langor, é agonia. Enfraquecimento que leva à morte.

(13) Insegnamenti di Paolo VI, vol. VII, pg. 1019.

(14) Lc., 18, 1.

(15) Atos, 2, 42.

(16) Constituições, art. 58.

(17) Constituições, art. 64.

Há mais ainda. A vida religiosa é opção de valores sobrenaturais que só se percebem numa perspectiva de fé. O que constitui a trama fundamental da vida religiosa aparece “absurdo” na escala dos valores mundanos. São desvalores: pense-se, por exemplo, nos votos, na vida casta, pobre, obediente, na mortificação etc.

O conteúdo encantador desses valores evangélicos, sua força de atração deriva da graça e só se percebe com os olhos iluminados pela fé. Já o dizia São Paulo: “O homem animal não entende as coisas do espírito de Deus; é loucura para ele e não pode entendê-las, porque não se podem julgar senão espiritualmente”⁽¹⁸⁾. Por isso toda vocação que baseie sua opção e perseverança em motivações que não sejam de fé, está minada pela raiz e pode desabar, mesmo estrepitosamente, de um momento para outro. Mais ainda, quando a nossa “perspectiva de fé” é continuamente ameaçada pela pressão dos valores mundanos que se sustentam numa hierarquia de outra ordem.

Por causa da nossa vida e da nossa missão estamos de verdade mergulhados no mundo e de mil lados sofremos o bombardeamento implacável da propaganda, das imagens dos *mass-media*, que de mil modos bradam que somos superados, que a nossa opção não tem sentido. E como nos mantemos firmes em nossa justa perspectiva da fé, se não com “janela que se abre para a verdade” (Von Balthasar), que é a oração? A oração reaviva a fé, dá firmeza ao coração, dissipa as névoas da mente e nos assegura que “escolhemos a parte melhor”⁽¹⁹⁾.

A oração nos liberta da influência, a que todos estamos expostos, de um modo de pensar e viver contrário ao espírito do Evangelho, do perigo de um conformismo que, com a ilusão de se adaptar ao nosso tempo, elimina o escândalo da cruz. É a oração que nos põe em procura constante de Deus e no-lo faz encontrar na vida de cada dia, que dá novo significado — genuinamente cristão — a todos os nossos sentimentos e ações”⁽²⁰⁾.

(18) 1 Coríntios, 2, 14.

(19) Lc, 10, 42.

(20) Card. M. Pellegrino, op. cit. pág. 25.

O Padre Albera, na sua belíssima circular sobre o “Espírito de piedade” dizia já: “As práticas de piedade, como já experimentamos mil e uma vezes, dão à nossa alma a energia de que precisamos, para não nos deixarmos abater pelas aflições que mesmo na vida religiosa, podem ser inevitáveis, para impedir não tenhamos a desventura de *nos laicizarmos*” (21).

Na *Evangélica Testificatio* encontramos expresso claramente o nexó inseparável entre oração e vida religiosa. A oração nos faz saborear o conhecimento íntimo e verdadeiro do Senhor, “sem o qual não poderíamos compreender o valor da vida cristã e religiosa, nem possuir a força para nela prosseguir com a alegria de uma esperança que *não ilude*” (22).

Para ficarmos fiéis à vocação

Fé, oração, fidelidade são um trinômio inseparavelmente unido por múltiplas interdependências.

À falta de oração se prende o enfraquecimento da fé. E vice-versa. É lei rigorosamente exata. A fé é um dom que se alcança com a oração. E a oração é a respiração da fé. Por isso a oração é absolutamente indispensável para a fidelidade à nossa vocação.

Creemos nós — diz Paulo VI — que muitas das tristes crises espirituais e morais, de pessoas educadas e, em níveis diferentes, inseridas no organismo eclesiástico, se devam ao langor e talvez à falta de uma regular e intensa vida de oração, sustentada até pouco tempo por sábios costumes exteriores, que, abandonados, apagaram a oração e com ela a fidelidade e a alegria” (23). A palavra do Pontífice tem confirmação farta em nossa experiência. Não quero reduzir à falta de oração um problema tão complexo, delicado e difícil. Mas é sempre verdade que nas histórias dolorosas de tantos dos nossos irmãos, sempre se encontra, de forma clara ou subentendida, uma constante que não falha: o abandono da

(21) Padre Paulo Albera, *Lettere circolari*, pág. 38.

(22) Paulo VI, *Evangelica Testificatio*, n. 43.

(23) Paulo VI, *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. VII, p. 1019.

oração ou seu esvaziamento num formalismo estéril. Em muitas das crises que precedam ou acompanham a decisão de abandonar o sacerdócio faltou o estímulo da oração, capaz de reconduzir a alma a uma atmosfera mais oxigenada, na direção de um horizonte de fé. Uma crise pode ser prova dolorosa, processo de maturação ou crescimento, uma “noite dos sentidos”. Mas se se deixa a oração, perde-se a segurança que vem de Deus, para pô-la em nossas fraquíssimas mãos. Às vezes irmãos que pedem a redução ao estado laical, dizem que rezaram muito. Também aqui não quero generalizar. Casos há em que é de fato assim. Mas em muitos outros, diria na maioria, não se rezou de verdade. “Raciocinou-se” talvez consigo mesmo, procurando justificações racionais para uma decisão já tomada, mas não houve um “pôr-se na presença de Deus” com uma oração humilde, cheia de confiança, perseverante, paciente. É fato inegável que o sacerdócio — como a verdadeira vocação — não falha, enquanto não falhar a oração.

Para procurarmos o amor de Deus

Outro aspecto que se deve recordar é a necessidade da oração para se alcançar o que permanece sempre como o *fim* de toda vida religiosa: a busca do *Amor de Deus*, a união com Deus, a identificação amorosa e total com a sua vontade, numa palavra, a nossa santificação.

Com a nossa profissão nós nos achamos empenhados num “*processo de amadurecimento espiritual*”⁽²⁴⁾. Este processo, diuturno e fatigante, no qual intervêm muitíssimos fatores, deveria levar-nos ao longo dos anos a adquirir uma “*densidade*” *espiritual*, a nos tornarmos “homens espirituais” que *sabem de Deus*” e “*sabem a Deus*”, no duplo sentido de “conhecer” a Deus e de ter “sabor” de Deus. Muitas vezes, infelizmente, não é raro nos encontremos com irmãos também maduros nos anos e até em postos de particular responsabilidade, que revelam uma superficialidade penosa, uma espécie de “*vacuidade interior*”, como cisternas sem água, que não podem dar de beber nem aos fiéis, nem aos irmãos

(24) Atos do CGE, n. 525.

mais moços. Como explicar esse fenômeno, senão com a falta habitual da oração verdadeira, da sincera busca de Deus?

O nosso Padre Albera, referindo-se à oração mental, que é elemento assaz importante para o amadurecimento espiritual de que falamos, escreve: “Este exercício, tomado no sentido mais lato, é *não só moralmente necessário* (o Padre Albera é que sublinha) à conservação da vida espiritual conveniente a um sacerdote, mas *absolutamente indispensável* ao progresso na vida sobrenatural” (25).

Para realizarmos a missão salesiana

Alguém poderia talvez pensar que a minha insistência não seja oportuna nesta hora de renovação, já que o CGE acentuou expressamente quanto se refere à missão.

Pois bem, caríssimos, também sob esse ponto de vista é indispensável a oração. Esse é o pensamento genuíno do CGE, essa é a nossa constante tradição.

A nossa missão salesiana, participação da missão da Igreja, não esgota o seu significado pleno com a consideração exclusiva do conteúdo promocional, educativo, evangelizador e dos destinatários preferenciais. Esses elementos são fundamentais, mas não caracterizam de modo cabal. A sua riqueza é mais profunda e vem de mais longe, vem da sua dimensão teologal.

Para ser verdadeiramente tal, a “missão” supõe um “envio” da parte de Deus e, por conseguinte, a consciência de ser “enviado” o sentido existencial de “relação” com o enviante e em sua dependência, uma contínua “referência” a Aquele de quem alguém é “mandado”. Estamos diante de um conceito profundo e riquíssimo de implicações que tira definitivamente da missão toda veleidade horizontalista, ancorando-a fortemente em Deus, numa insubstituível dimensão vertical. Pois só assim é que a nossa missão participa da de Jesus, o mediador único e, por isso, modelo e paradigma de todo apóstolo.

Nos Evangelhos, particularmente em São João, toda a vida e toda a ação de Jesus estão, por assim dizer, mergu-

(25) P. Paulo Albera, op. cit., pg. 443.

lhados na categoria da “relação ao Pai”. Como Filho e como Verbo do Pai na eternidade, como Enviado do Pai “no tempo”, Ele é e vive como quem deriva do Pai.

É um dado sempre presente à sua consciência: “Não vim de mim mesmo... A minha doutrina não é minha, mas d’Aquele que me enviou... O meu alimento é fazer a vontade do Pai.

Essa referência essencial ao Pai é uma “constante” na obra do Cristo. Por isso ele permanece em estado de perene adoração e glorificação do Pai, de contemplação da sua grandeza, de escuta de sua Vontade.

Das profundezas do seu ser, dominado pelo sentido do Pai, com tal plenitude que faz do Cristo não tanto um adorador e glorificador, quanto de preferência uma “adoração e glorificação” do Pai, é que brota a sua oração que, corresponde à natureza humana que assumiu, se manifesta e atualiza no colóquio íntimo com o Pai: é o mistério sublime e fecundo da oração do Cristo.

Essa oração caracteriza o início da missão pública, longe de todo o povo (no deserto, onde só estão o Pai e Ele), ilumina tantas das suas noites, prepara alguns dos momentos fortes da sua missão (como a escolha dos Doze), precede os milagres mais repletos do valor de “sinal” e se torna magistério no “Pai-nosso’.

A síntese do ser e da ação de Jesus orante, encontramos-na na oração sacerdotal da última ceia, pedido ansioso de unidade, de vida e de amor para os seus, oferta generosa de si ao Pai por todos, eucaristia e imolação.

Tudo isso continua, afirma-o São Paulo, no Cristo Resuscitado, “que vive para sempre em intercessão contínua por nós junto do Pai”. Se é verdade, como foi dito com expressão feliz, que em dada ocasião também Paulo VI retomou — que Cristo foi “o homem para os outros”, é também verdade que do Pai é que tomou o motivo, a força, o significado, o valor da sua doação aos outros. Sem a referência ao Pai, o seu viver para os outros torna-se um fato incompreensível, porque sem sentido próprio: ter-se-ia o esvaziamento total do valor da Redenção.

A luz dessa dimensão teológica é que deve ser lido o artigo das Constituições que descreve a nossa missão: os

Salesianos “intentam realizar, na consagração religiosa, o projeto apostólico do Fundador: serem em estilo salesiano, sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres”⁽²⁶⁾. Resulta então a exigência iniludível de uma “presença” contínua e amorosa junto d’Aquele de quem nos devemos tornar “transparência”, sinal, demonstração. É o que exige também o CGE: A situação de mediador” de todo apóstolo e as tarefas que tem supõem nele uma “Consagração” da parte de Deus e dele requerem atitudes interiores definidas: intensa presença com relação Àquele que o chama e disponibilidade para ser seu instrumento”⁽²⁷⁾.

A idêntica conclusão chegamos se partirmos do “conteúdo” da missão. É um conteúdo profundamente evangélico e não pode realizar-se adequadamente a não ser numa perspectiva espiritual. Trata-se de colaborar diretamente na realização do “desígnio salvífico de Deus e no advento do seu Reino”, propondo aos homens a mensagem e a graça de Cristo, aperfeiçoando a ordem temporal com o espírito do Evangelho. Por isso, “fiéis às intenções do Fundador, *em toda nossa atividade* educativa e pastoral, visamos à sua progressiva semelhança com Cristo o homem perfeito”⁽²⁸⁾. Também a função de promoção humana, que não se deve nunca separar da atividade evangelizadora, requer a mesma atitude interior⁽²⁹⁾. Mas, a atividade evangelizadora e catequética é “a dimensão fundamental da nossa missão”.

Como Salesianos somos todos e em todas as ocasiões educadores da fé”⁽³⁰⁾. “Educar para a fé é antes de mais nada levar à pessoa de Jesus Cristo, o Senhor ressuscitado, *Seja, pois, a nossa ciência mais eminente conhecê-lo* e a alegria mais profunda, revelar a todos as insondáveis riquezas do seu mistério⁽³¹⁾. Diante da série de tão graves afirmações nós nos devemos perguntar: *Como se pode chegar à realização de um projeto tão bem ideado e organizado sem a oração? Sem uma profunda, arraigada, autêntica vida de oração?*

(26) Constituições, art. 2.

(27) Atos do CGE. n. 26.

(28) Constituições, art. 17.

(29) Atos do CGE, n. 60.

(30) Const. art. 20.

(31) Const. art. 21.

Para sermos mestres de oração

Mas há ainda outra coisa. A nossa missão exige de nós explicitamente que sejamos “mestres da oração”. “A primeira expressão da fé é a adoração do Pai em espírito e verdade”. O Salesiano *educa para a oração*, como para o encontro íntimo e amoroso com Jesus Salvador e o Pai”⁽³²⁾.

No documento sobre a renovação pastoral da nossa ação entre os jovens se lê: “Hoje mais que nunca devemos ajudar os jovens a redescobrir o valor empenhativo da oração: ela revigora a fé, desperta atitudes de escuta, de procura e de adesão ao Espírito; favorece a interiorização e faz comunidade com Cristo e em Cristo”⁽³³⁾.

Uma lógica de evidente perspicuidade faz-nos reconhecer que, se devemos ser mestres e guias de oração aos jovens e em geral às almas pelas quais trabalhamos, é necessário antes de mais nada sejamos nós *homens de oração*. Não é sem objetivo que as nossas Constituições renovadas sublinham esta *exigência fundamental*: “nosso estilo de trabalho e relações exige que de contínuo se reanime a dimensão divina do engajamento apostólico: “Sem mim nada podeis fazer”. O Salesiano renova sempre a atenção ao Espírito Santo presente em sua vida”⁽³⁴⁾.

E alhures: “A missão salesiana *exige de nós profundo sentido de Deus e de seu Reino... A nossa vida religiosa empenhando-nos numa adesão radical a Deus sumamente amado*” purifica e fecunda o nosso serviço apostólico. Ajuda-nos a anunciar Cristo como Verbo de vida que encontramos numa intimidade especial, a reconhecê-lo e a servi-lo em seus membros”⁽³⁵⁾.

Para tirar qualquer dúvida sobre a relação íntima e vitalmente insubstituível entre missão e oração, o documento sobre a “comunidade orante” faz esta declaração lapidária: “A oração é a base do nosso trabalho apostólico em favor de

(32) Atos do CGE, n. 64.

(33) Ibid. n. 372.

(34) Const. art. 48.

(35) Ibid. art. 70.

todos os homens, nossos irmãos, especialmente em favor dos jovens mais pobres e necessitados” (36).

As conseqüências que se devem tirar em vista do plano de ação e da prática são tão óbvias que não é o caso de nos determos a enumerá-las.

Está no centro da tradição salesiana

As explícitas declarações capitulares supra citadas concordam plenamente com a nossa tradição mais genuína. Nem é necessário acumular documentação.

Todos sabemos como Dom Bosco — definido “a união com Deus” — encontrava na continuada referência a Deus, o segredo e a fonte da sua inesgotável e incansável caridade pastoral, e como fez da Religião uma das colunas fundamentais do seu método de educação. Seria para isso útil reler o estudo cheio de erudição do Pe. Braido sobre o “*Sistema preventivo*”, ou o do Pe. Caviglia sobre a “*Vida de Domingos Savio*”, o áureo livrinho do Pe. Céria “*Dom Bosco com Deus*” só para citar alguns.

Todos nós recordamos da sentença do nosso Pai: “Quem se envergonha de exortar à piedade, é indigno de ser mestre” (37), que sintetiza, com tanta simplicidade, clareza e energia, esta exigência da missão salesiana.

Mas escutemos dois dos seus sucessores que viveram com ele e tiveram possibilidade de colher o segredo profundo do seu método e da sua missão.

O Pe. Albera lembra aos salesianos que “todo o sistema de educação que Dom Bosco ensinou se baseia na piedade. Onde ela não fosse devidamente praticada, viria a faltar todo ornamento, todo prestígio aos nossos institutos, que se tornariam inferiores de muito aos mesmos institutos leigos”. E depois de ter recordado que não poderíamos inculcar a piedade, se dela não fôramos abundantemente providos”, continua: “Seria incompleta a educação que déssemos aos

(36) Atos CGE, n. 529.

(37) *Memórie Biográfica*, 10, 1019.

nossos alunos, porque o mais leve sopro de impiedade e de imoralidade apagaria neles os princípios que, com tantos suores e com longos anos de trabalho, tivéssemos procurado imprimir-lhes no coração. *O Salesiano se não tiver piedade sólida, jamais será apto ao mister de educador...* Recorde-mo-nos de que nenhum elogio mais belo se poderia fazer de um Salesiano senão o de se dizer dele que é piedoso de verdade” (38).

E dez anos mais tarde o mesmo Pe. Albera: “Seria erro, se levados por excessivo zelo de santidade exterior, quiséssemos dar à nossa vida uma multiplicidade de práticas devotas. *Seria, porém, ainda pior, se se fosse ao extremo oposto e, interpretando mal as intenções do Fundador, se se pensasse que, para sermos seus sequazes, bastasse ter a paixão pela juventude*, o gosto pela vida alvoroçada em meio às turmas de meninos, não se tendo embora empenho diligente em se exercitar no própria santificação” (39).

E o Pe. Rinaldi escrevia a 24 de dezembro de 1930: “Tenhamos cuidado de não formarmos só gente estudiosa e hábeis profissionais! A ciência é boa e necessária. É o sal da terra. Mas ai! se se corrompe! Se a nossa sociedade possuísse até sábios de alto quilate, não realizaria mais o seu originário apostolado educativo e mais semelhante seria a um castelo vetusto apresentando ainda no exterior muitos sinais da antiga magnificência, ao passo que interiormente seria um amontoado de ruínas!” (39 bis).

Das considerações e citações precedentes deduz-se uma conclusão que se impõe com a força de postulado fundamental: *a oração é absolutamente indispensável para vivermos e realizarmos a missão salesiana*. Erraria, pois, em cheio, quem pensasse poder exercê-la pondo-se num plano puramente sociológico ou promocional, contente com uma atividade, embora louvável e aparentemente proveitosa, em prol dos necessitados, mas não vivificada pela união com Deus, atividade que não brotasse da caridade pastoral genuína, que não fosse sustentada pela oração.

(38) P. Paulo Albera, op. cit., pág. 35.

(39) *Ibid.* pág. 442.

(39bis) D. Filippo Rinaldi, *Lettera Circolare in ACS*, 10 (1930), p. 922.

Esse tal decididamente não estaria na linha da verdadeira missão salesiana. Não teria a alma!

Caríssimos, detive-me em insistir sobre esses aspectos, sem a pretensão de os ter aprofundado, mas com a intenção de fazer que percebeis a urgência irrevogável e insubstituível da oração em nossa vida e para a nossa missão.

3. A oração deve ser renovada

Não basta, porém, intensificar a oração. Ela deve ser “renovada”, A esse respeito o nosso Capítulo Geral Especial nos oferece um tratado completo em páginas ricas e densas, que, peço-vos, torneis a meditar. Traçam-nos caminho seguro e autorizado, que deve inspirar o nosso ajornamento e o nosso renascimento espiritual.

Sem querer retomar todo o assunto, permitam-se-me alguns *avisos práticos* sobre pontos concretos que vejo descuidados aqui e acolá ou subestimados e que reputo de importância digna de nota para a vida salesiana.

Construir a comunidade com a oração

Como escrevi na apresentação dos Atos do CGE, uma das “vigas mestras” da renovação é a construção da comunidade. Fiel a esta perspectiva, o CGE tratando da oração dá relevo à comunidade. O mesmo título deixa-o entrever.

Que é que significa essa preferência? Significa antes de tudo que a oração é na vida salesiana “*uma dimensão fundamental*” da comunidade. É ao mesmo tempo sua *expressão e fundamento*. A comunidade se exprime como tal, i. é., enquanto comunidade religiosa, mediante a oração. Convocada pela Palavra de Deus, unida pelos vínculos profundos da vocação e da missão comum a todos, da caridade difundida em nossos corações, a comunidade religiosa faz da oração um momento insubstituível de “controle”, voltando-se para Aquele em quem encontra a justificação suprema do seu ser”.

Por outro lado a oração “constrói” a comunidade. Isso é verdade, em primeiro lugar, da Eucaristia, sem a qual não

se edifica nenhuma comunidade ⁽⁴⁰⁾, mas é também verdade de toda oração. Nela se “reaviva a consciência da íntima e vital relação com Deus” ⁽⁴¹⁾, cresce o senso de pertença e doação, revigoram-se com a presença do Espírito Santo, a fé e o amor — os dois eixos que sustentam toda comunhão.

Dessa interrelação se segue que a oração não é para a comunidade algo de extrínseco, artificial ou sobreposto, que se acrescenta pelo exterior como um dever frio que se deve cumprir, mas é um movimento vital, intrínseco, essencial, uma sua respiração, *sem a qual não existe comunidade religiosa verdadeira.*

Por isso, as “práticas de piedade” se por um lado devem ser defendidas cuidadosamente contra o formalismo (que as reduziria a meras atitudes exteriores) e do juridicismo, por outro lado não podem ser tratadas leviana e arbitrariamente, suprimindo-as ou omitindo-as com desenvoltura fácil e sem motivos. Elas marcam um ritmo de oração que a Congregação, na revisão realizada pelo CGE, julga necessário e portanto obrigatório.

A forma persuasiva empregada nas Constituições e Regulamentos, como já tive ocasião de salientar, não significa de modo algum diminuição de compromissos, que como adultos assumimos com plena consciência na profissão. A “criatividade” de que falam os Regulamentos ⁽⁴²⁾ não deve ser entendida como faculdade de suprimir ou substituir as práticas de piedade prescritas de maneira clara pelas Constituições ou Regulamentos, mas um apelo à corresponsabilidade e ao espírito de iniciativa com o fim de prevenir ou superar o perigo da rotina, do automatismo.

Faço, pois, apelo caloroso a todos, mas particularmente aos Inspectores a quem é de modo especial confiada a “animação da vida religiosa” ⁽⁴³⁾, e que têm “uma responsabilidade toda particular na vida da oração” ⁽⁴⁴⁾, para que se esforcem — com os modos mais convenientes e eficazes por despertar

(40) Presbyterorum Ordinis, n. 6.

(41) Constituições, art. 58.

(42) Ibid., art. 45.

(43) *ibid.*, art. 168.

(44) Atos do CGE, n. 526.

nos irmãos “a necessidade e o gosto da oração”, procurem criar em todas as comunidades condições adequadas para a mesma (começando pela escolha dos horários mais oportunos à comunidade) e defendam assim o direito que todo irmão tem de rezar ⁽⁴⁵⁾ E se for o caso, não deixem de avisar — com grande caridade mas com não menor clareza — os irmãos que descuidassem a oração e deixassem como quer que fosse a oração comunitária.

É claro que a responsabilidade do Inspetor é partilhada proporcionalmente e às vezes de maneira mais imediata pelo Diretor. É verdade que somos adultos e que cada um é responsável pela própria pessoa, mas como religiosos assumimos compromissos especiais de vida comunitária e como adultos só nos resta cumpri-las com exatidão. Entre esses está a oração, que não é um negócio meramente particular. O CGE lembra o dever de todos os membros de “dar uma contribuição insubstituível, até mesmo com a sua simples presença física, nos diversos encontros comunitários de oração. A sua presença tem sempre um valor de testemunho e de estímulo recíproco” ⁽⁴⁶⁾.

Eucaristia: seja o momento central

A Eucaristia para nós deve ser sempre o verdadeiro centro e vértice da vida de piedade ⁽⁴⁷⁾, raiz, eixo, fundamento e expressão da comunhão fraterna ⁽⁴⁸⁾, fonte e alimento e motor do empenho apostólico.

“Em espírito de fidelidade à tradição constante da nossa família” o CGE nos convida a “reconquistar na riqueza de uma visão renovada segundo o Vaticano II, a centralidade da Eucaristia em nossa vida pessoal e na da nossa comunidade apostólica como educadores da juventude” ⁽⁴⁹⁾.

Isso deve representar um empenho real para todo salesiano e para toda comunidade. Requer, em primeiro lugar,

(45) Cfr. Atos do CGE, n. 526.

(46) Atos do CGE, n. 525.

(47) Presbyterorum Ordinis, n. 5b; *Christus Dominus*, n. 30.

(48) P. O. n. 6e; PC n. 15.

(49) Atos CGE, n. 542.

um controle e autocrítica corajosa e humilde, e uma conversão. Tomo a liberdade de notar certas situações de que tenho notícia, que *contrastam abertamente* com a nossa tradição e com as recentes deliberações capitulares.

Devo, porém, declarar que em muitas comunidades se nota uma renovação e esforço para celebrar adequadamente a Eucaristia. Há preparação conveniente. Cuida-se dos cantos, da proclamação da Palavra, clara e inteligível e dos ritos executados com dignidade e exatidão.

Mas devo lamentar que em outras comunidades não se percebe nenhuma renovação. Antes, as exortações capitulares neste ponto correm o risco de serem letra morta. Em não poucas comunidades a Eucaristia não tem o seu momento central. Não há uma Missa que reúna toda a comunidade. A concelebração onde seria possível fazer-se, encontra resistências que não são motivadas senão por preceitos e por *parti pris*, mais do que por razões fundamentadas. E assim bom número de sacerdotes se contenta com uma Missa apressada, inserida num cantinho livre do dia, que nem sempre é o mais oportuno e próprio para o recolhimento. Ouve-se dizer que outros, sob diversos pretextos, deixam muitas vezes, quando não habitualmente de celebrar a Missa. E os irmãos que não são sacerdotes devem por vezes “arranjar-se”, quando não decidem eles a fazer da Missa um encontro de ritmo semanal.

Neste quadro que por certo não encoraja, pode-se dar alguma outra pincelada: abuso manifesto em suprimir, inventar, mudar as normas que relulam a celebração eucarística, em evidente contraste com o que a Igreja já prescreve com clareza que tira qualquer dúvida⁽⁵⁰⁾. Há por fim casas, de per si destinadas a acolher de forma mais adequada a “comunidade de vida”, onde não há lugar para o Santíssimo Sacramento, onde nem sequer existe capela. Não se sente necessidade!

Esses fatos, que, espero, só representem número reduzido de casos, são a negação do ideal salesiano e (digo-o com pena vivíssima) jamais serão fonte de renovação e

(50) Vid. a Terceira Instrução sobre a aplic. da reforma litúrgica, de 1970, reproduzida também nos A C S, n. 262, outubro de 1970, pg. 45-57.

vitalidade apostólica exuberante. É preciso, pois, que, com energia e coragem, se dê remédio oportuno a este estado de coisas, que está em absoluto contraste com a vontade do CGE e que é semelhante mais a um estado de languidez pré-agônica do que ao renascimento espiritual de comunidades de pessoas consagradas.

Preferir a oração litúrgica

O CGE, em plena consonância com a renovação litúrgica, quis propor a todos os salesianos algumas partes da Liturgia das Horas como oração oficial da comunidade. Nas Constituições se explica que, para participar da oração com o povo de Deus se une ao Cristo, a comunidade “dá preferência” a essa oração (a Liturgia das Horas) e celebra-a com a dignidade e o fervor que Dom Bosco recomendava aos seus filhos”⁽⁵¹⁾. E nos Regulamentos se lê: “Os sócios celebrarão, possivelmente em comum, as Laudes como oração da manhã e as Vésperas como oração da noite”⁽⁵²⁾.

Estamos diante de uma grande inovação. Compreendo então a dificuldade que irmãos de idade poderão encontrar para se lhe adaptarem, ao serem convidados e deixar as orações simples que se tinham habituado a rezar ao longo de toda a vida e que julgavam a quinta-essência da nossa tradição espiritual.

Para superar a eventual dificuldade interior em que se encontram esses irmãos e para animar as comunidades que vão andando devagar na aplicação das deliberações do CGE nesta matéria, convido-vos a refletir que a mudança introduzida corresponde à vontade precisa da Igreja, manifestada claramente mediante “atos oficiais” do seu magistério e representa ainda a clara e autorizada vontade da mesma Congregação, formulada pelo seu máximo órgão deliberativo.

É o caso de recordar aqui a fidelidade de Dom Bosco e a sua prontidão em secundar ainda os mais simples desejos da Sé Apostólica.

(51) Constituições, art. 60.

(52) Regulamentos, art. 44.

Na Constituição Apostólica *Laudis Canticum*, Paulo VI apresenta a “Liturgia das Horas” como “*complemento necessário* mediante o qual a riqueza extraordinária do culto divino, contida no sacrifício eucarístico, transborda e se estende a cada uma das horas da vida humana” (*Proêmio*). Por isso “parece se deve sobremodo desejar que ela *compente, reanime, guie e expresse todas as manifestações da oração cristã* e alimente de maneira ficaz a vida espiritual do povo de Deus”⁽⁵³⁾. A liturgia das Horas é, pois, “proposta a todos os fiéis, também aos que não são por lei obrigados a rezá-la”⁽⁵⁴⁾.

De modo mais claro a “*Institutio Generalis de Liturgia Horarum*”, de 1971, diz: “Também aos religiosos e religiosas que não são obrigados à celebração comunitária, e aos membros de qualquer Instituto de perfeição recomenda-se vivamente que se reúnam, entre si ou com o povo, para celebrar essa liturgia, ou uma parte da mesma”⁽⁵⁵⁾.

Paulo VI, na “*Laudis Canticum*” recomenda que essa adesão se faça não como quem está obrigado por lei que se deva observar, “mas sim pela evidência da sua beleza íntima e pela sua utilidade pastoral e ascética. Deve-se, com efeito, sobremodo desejar que a oração pública da Igreja brote para todos da renovação do espírito e da reconhecida necessidade interna de todo o Corpo da Igreja, que, à semelhança de sua Cabeça, de outro modo não pode ser definida senão como “Igreja orante”⁽⁵⁶⁾. A reza, não mecânica mas frutuosa, das Horas exigirá naturalmente preparação adequada, uma formação, para conhecer melhor os salmos e penetrar-lhes o sentido. É, pois, necessário que os superiores responsáveis tomem para isso providências mediante encontros, conferências, leituras e livros apropriados.

É situação nova, que naturalmente apresenta suas dificuldades. Superá-las-emos, se nos convenceremos de que é a Igreja que nos aponta esse caminho. De fato nós queremos ser filhos dóceis da Igreja. Tenho plena confiança de que nesta como em outras disposições, irmãos jovens e

(53) *Laudis canticum*, n. 8.

(54) *Ibid.*

(55) Instituto Geral da Liturgia das Horas. n. 8.

(56) *Laudis Canticum* n. 8.

menos jovens, — como já infelizmente aconteceu em muitas comunidades — em clima de compreensão recíproca, crítico, obediência e caridade saberão achar modo de se pôr na linha indicada pelo CGE, que reflete com fidelidade a linha da Igreja.

De importância capital: a meditação

A meditação é outro momento fundamental do nosso ritmo de oração. O Pe. Ceria, referindo-se ao período de arranjo e organização da Congregação, cita palavras preciosas de Dom Bosco: “A Congregação nesse momento não poderia ter sido fundada segundo as normas ordinárias... e se, para fazer com que tudo procedesse de modo perfeito, me tivesse limitado a um grupo pequeno, não teria chegado a nenhuma conclusão...” mas acrescenta logo depois: “*No trabalho de normalização a piedade representava a pedra fundamental do edifício religioso, e na piedade duas práticas são de capital importância: os retiros anuais e a meditação cotidiana*”⁽⁵⁷⁾.

Seria, pois, errado considerá-la alheia ao nosso estilo e à nossa tradição. É certo que particamente, se tornou obrigatória para os sócios a partir de 1874⁽⁵⁸⁾, mas daí para frente foi sempre posta na lista das práticas fundamentais.

O Pe. Albera, na circular citada, de 1921, escreve: “Alguém poderá talvez pensar que um salesiano não deva mirar tão alto — i.é., até à oração a que ele chama “afetiva” — e que Dom Bosco não tenha querido isso de seus filhos... Mas eu posso garantir-vos que foi sempre desejo seu ver seus filhos elevar-se, pela meditação, àquela íntima união com Deus que ele de modo admirável alcançou e *nunca se cansou de a tal estimular-nos em toda ocasião propícia*”⁽⁵⁹⁾.

O Pe. Rinaldi fala da meditação como de “um meio cotidiano indispensável à vida religiosa, precisamente como é o alimento à vida do corpo”. E para confirmar cita o exemplo do Pe. Rua, a quem se pergutou numa ocasião “como pu-

(57) M. B., 11, 272.

(58) Ibid, pg. 27.

(59) Pe. Paulo Albera, op. cit., p. 444.

desse ficar recolhido em meio a tantas viagens, ocupações e visitas” e ele respondeu: “Procuro mil indústrias: boa meditação pela manhã, pensamentos fortes, vontade férrea...”. Precisamos persuadir-nos — acrescenta — de que *sem a meditação bem feita o Salesiano corre gravíssimo risco de reduzir-se a trabalhar como um simples empregado, e quiçá (o que Deus não queira!) de perder a vocação. Infelizmente não faltam exemplos que confirmam dolorosamente esta verdade. Coitado de quem disse não esteja convencido!*”⁽⁶⁰⁾.

O CGE reafirma todo o valor desta tradição. As Constituições renovadas chamam a oração mental “*forma essencial*” de oração pessoal, que “*nutre nossa intimidade com Cristo e com o Pai, salva da rotina despertando o amor, conserva o coração livre e alimenta nossa doação ao próximo. Para Dom Bosco é garantia de alegre perseverança na vocação*”^(60bis).

Para que possa produzir os frutos preciosos e abundantes enumerados nas Constituições é necessário que a meditação seja feita e seja feita bem. Sobre esses dois aspectos há muito por que se empenhar e talvez muito que corrigir. Infelizmente ouço dizer que, mesmo depois do CGE, irmãos há que por pretextos diversos não fazem meditação alguma, outros deixam o encontro comunitário e, arrastados por ritmo urgente do trabalho de cada dia, chegam à noite sem ter acudido a esta exigência da própria vida espiritual. Para outros a meditação não é senão uma “pura presença física” ou como disse alguém com ironia fina — uma “leitura com pausas de distração”.

Seria feliz se as tintas desse quadro não fossem por demais carregadas, mas, pelo que me consta, estamos aqui diante de um dos pontos fracos, de uma das falhas mais perigosas da nossa vida de oração. Concordo que para nós talvez seja mais difícil este tipo de oração, mas não é menos necessário. E a alergia e a falta de empenho na meditação poderiam talvez denunciar uma falência espiritual, um terrível esvaziamento da vida interior. Também o *assunto* da nossa meditação e o texto devem ser cuidadosamente escolhidos. Vejo, com prazer que, segundo as recomendações da

(60) Pe. Felipe Rinaldi, Lettera Circolare em ACS 7 (926), pág. 458.

(60bis) Constituições, art. 64.

Igreja, se usa muitas vezes a Sagrada Escritura. Mas não se esqueça que também aqui não basta uma leitura superficial, feita como quer que seja. Deve ser preparada, estudada. E já que estou no assunto lembro — a propósito das diversas formas e modalidades da meditação — que se deve sempre tratar de meditação verdadeira, i.é, de “diálogo de amor profundo com Deus”, de “encontro na intimidade”. A meditação é sempre “oração mental” que se exprime “em segredo” diante de Deus. Não basta, pois, uma boa pausa depois de uma homilia de cinco minutos, ou uma comunicação qualquer de experiências, que ficam as mais das vezes em nível superficial, uma análise sociológica de situações etc. Às vezes, por detrás do muito falar, esconde-se um narcismo espiritual que se torna um diafragma opaco à comunicação com Deus.

A devoção mariana é atual

Não pretendo passar em resenha as diferentes formas de oração! Não é a finalidade desta carta. Mas não posso deixar de dizer uma palavra sobre a devoção a Nossa Senhora.

Quão arraigada seja na tradição salesiana não ocorre vo-lo diga. Já outras vezes lamentamos certa descaída em muitos da devoção a Nossa Senhora. Talvez seja uma reação contra alguma coisa tida por alguns como não bem fundamentada ou por demais sentimental. O CGE reafirma claramente a atualidade e essencialidade da devoção a Nossa Senhora para a Família Salesiana: “A longa e ininterrupta tradição mariana de nossa Família, baseada na convicção de que “Maria fez tudo”, porque Ela é a “Fundadora e o sustentáculo” da nossa Obra, deverá continuar a caracterizar a espiritualidade e a mística apostólica dos filhos de Dom Bosco”⁽⁶¹⁾. Nas Constituições: “Nutrimos para com Ela devoção filial e profunda. Maria Imaculada educa-nos à plenitude da nossa consagração; Auxiliadora dos cristãos infunde-nos coragem no serviço do povo de Deus. A comunidade celebra com fervor as festas marianas e a todos estimula à imitação

(61) Atos CGE. n. 545.

convicta e pessoal”⁽⁶²⁾. E os *Regulamentos* prescrevem como oração específica: “Os sócios rezarão todos os dias o Terço, em que Maria Santíssima ensina aos seus filhos como se unirem aos mistérios de Cristo”⁽⁶³⁾.

Depois dessa claríssima posição do CGE não creio seja necessário acrescentar muitos outros argumentos para despertar em vós o desejo de prestar todos os dias esta homenagem a Nossa Senhora. Deixai-me, porém, transcrever uma passagem do conhecido e profundo teólogo Karl Rahner: “Quando (o cristão) tiver aprendido que o Rosário pode ser a oração, simples e ao mesmo tempo sublime, da mística de todos os dias, e a sua vida espiritual se tiver tornado bastante ampla e robusta para perceber de maneira existencial a clara verdade dogmática e a importância objetiva que a Virgem tem para cada indivíduo, ele (o cristão) gostará de rezar todos os dias segundo as suas possibilidades uma parte do Rosário e considerar essa reza uma parte pequenina do cumprimento do dever que tem de rezar pela salvação do mundo. Naturalmente pode dar-se que o desenvolvimento siga um processo inverso: rezando o Rosário se aprende com que espírito ele deve ser rezado”⁽⁶⁴⁾.

Transformar a vida em oração

A oração como encontro e diálogo profundo com Deus supõe uma atitude interior que forma sua alma, dá-lhe valor e salva-a do formalismo, do ritualismo, da rotina, numa palavra não deixa que se reduza a “mera observância” exterior.

Esta atitude espiritual não é automática, mas, além dos atos de vontade, fé etc. que se pressupõem de modo indispensável, requer determinado clima favorável, ambiente e preparação.

Requer-se antes de tudo *ambiente externo* apropriado. A isso aludem os Regulamentos quando propõem que “para

(62) Constituições, art. 65.

(63) Regulamentos, art. 47.

(64) K. Rahner, *Saggi di spiritualità*, Roma, edição Paoline, Roma, 1965, pg. 197.

favorecer o *clima de recolhimento*, de oração... cada comunidade estabeleça os momentos de oportuno silêncio” (65).

Não se trata de nos convertermos em “monges”, mas é condição elementaríssima para quem se quer encontrar com Deus em profundidade. Dom Bosco já o exigia na vida do Oratório. E hoje se diria tanto mais necessário, quanto mais cerrado é o bombardeamento de imagens e impulsos violentos, de todos os tipos, a que nos sujeitam continuamente os *mass-media*. Arriscam fazer do nosso coração uma espécie de praça em dia de feira, exposta ao vaivém ao multiplicar-se incessante de imagens, sons, emoções, sensações que nos ocupam superficialmente e nos tornam difícil qualquer atenção em profundidade. Impedem-nos, em suma, segundo a expressão de um escritor, de *pensar*.

O CGE lembra-nos também o “*silêncio de todo o ser*”, que não é mera ausência de ruído e de palavras, mas provém de progredir cada vez mais na intimidade com Deus “sumamente amado”: silêncio que nos põe em condições de escutar de verdade a Deus e de nos identificarmos com o seu plano de redenção” (66). A *Evangelica Testificatio* diz que o silêncio é necessário “para os que devem encontrar a Deus mesmo no meio do bulício” (67).

É ainda necessário clima de paz e serenidade na comunidade, de comunhão fraterna vivida por sobre as tensões, numa procura sincera e humilde da comunhão com Deus. Divisões, rancores, ódios cortam as asas da oração. O esforço sincero e constante dos membros da comunidade para torná-la verdadeiramente fraterna é condição para uma oração verdadeira que faça crescer na amizade de Deus, mas é ao mesmo tempo fruto saborosíssimo na paz e serenidade da oração humilde de corações unidos na caridade.

Na linha pessoal é também indispensável um *clima interior* feito de fé aberta e atenta, de humildade e paciência para poder perseverar diante de Deus, mesmo quando Ele se esconde no silêncio e não percebemos resposta alguma aos nossos desejos de diálogo. E se isso se prolonga pode

(65) Regulamentos, art. 35.

(66) Atos do CGE, n. 552.

(67) *Evangelica Testificatio*, n. 46.

tornar-se mui doloroso como atesta a experiência farta dos homens de oração e exige esforço intensificado de fé e perseverança para não se deixar a oração.

Além disso é necessário um *coração livre*, coração de pobre, disponível, aberto a Deus e espiritualmente desapegado de tudo e de todos.

Tudo isso exige e pressupõe *ascese*, mortificação vigilante e contínua, para retomar sempre o domínio de si e abrir-se aos horizontes de eternidade; mortificação que nos torna livres e transparentes, para “ver” Nosso Senhor no emaranhado dos acontecimentos e para nos abrirmos a Ele.

A liturgia de vida

Mas a oração do salesiano não se limita às “poucas práticas” determinadas oficialmente pelas Constituições ou Regulamentos. Elas apontam um mínimo institucional. A vida do salesiano precisa de muito mais. Precisa de uma oração explícita toda sua, individual, para exprimir a sua originalidade de filho de Deus, e da “oração implícita”, que *se substancia e exprime* na sua vida apostólica.

“O Salesiano — lemos nas Constituições — tem poucas práticas de piedade, mas reza sem parar, em diálogo simples e cordial com o Cristo vivo, com o Pai que ele sente bem perto de si, com Maria que é seu auxílio. Pode assim ser contemplativo na ação e realizar como Dom Bosco a união com Deus”⁽⁶⁸⁾.

Verifica-se que assim projeta a liturgia na vida, como o deseja a Constituição *Laudis Canticum* quando diz: “Se a oração do Ofício divino se torna realmente uma oração pessoal, mais claros hão de aparecer os vínculos que unem a liturgia com toda a vida cristã. A vida toda dos fiéis através de cada uma das horas do dia e da noite é quase uma liturgia mediante a qual se dedicam ao ministério de amor a Deus e aos homens, aderindo à ação de Cristo, que com a sua vida no meio de nós e com a oferta de si mesmo santificou a vida de todos os homens”⁽⁶⁹⁾

(68) Constituições, art. 48.

(69) *Laudis Canticum*, n. 8.

No conceito de “liturgia da vida” vemos um retrato de Dom Bosco, que na sua vida realizou a síntese de contemplação e ação, e não considerou o trabalho apostólico em si mesmo como *alienante*, mas como “exercício de caridade”, e, por isso, meio eficaz de santidade para os seus filhos.

Nesta perspectiva, é que devemos ver a insistência de Dom Bosco pelo trabalho considerado como característica e ideal da sua Congregação.

A oração implícita do trabalho

Já em 1869 Pio XI dissera a Dom Bosco: “Acho que esteja em melhores condições uma Casa Religiosa em que se reza pouco, mas se trabalha muito, do que outra em que se regem muitas orações e se trabalha pouco ou nada”⁽⁷⁰⁾.

No primeiro relatório enviado à Santa Sé sobre o estado da Congregação, em 1879, Dom Bosco constatava: “O trabalho supera as forças e o número dos sócios, mas ninguém se assusta e parece que a fadiga seja um segundo alimento, depois do alimento material”⁽⁷¹⁾.

Dom Bosco fazia consistir o ideal da Congregação no trabalho sem descanso, feito por obediência. Em 1875, falando aos diretores, depois de haver constatado que “o trabalho é desmedido e se trabalha mesmo de boa vontade” e depois de ter dito que visitando as casas”, mais ainda que o trabalho, agradou-lhe ver o espírito com que se trabalha”, acrescenta: ““Parece-me mesmo realizado o ideal que me propusera como ideal da Congregação. Pois, além do muito trabalho que se tem, há o espírito de obediência e de disponibilidade que acompanha o que se faz”⁽⁷²⁾. Uma de suas últimas recomendações a Dom J. Cagliero, que, na noite de 24 de dezembro de 1887, descia para celebrar a Missa da Meia-Noite, foi: “Recomendo se diga a todos os Salesianos que trabalhem com zelo e entusiasmo”. Trabalho! Trabalho! Esforçai-vos sempre sem canseiras em salvar almas!”⁽⁷³⁾.

(70) M. B., 9,566.

(71) Ibid. 14,218.

(72) Ibid, 11, 29

(73) Ibid, 17, 493.

Quis citar à sociedade para salientar o lugar do trabalho em nossa vida e lembrar que para os Salesianos não se trata de levar “vida de oração tranqüila e recolhida, uma espécie de “alibi” para não trabalhar ou trabalhar pouco, nem de ver o trabalho contraposto à vida espiritual, como inimigo ou como realidade periférica sem nexos profundos com a vida espiritual.

Quanto diz o decreto *Perfectae Caritatis* ⁽⁷⁴⁾, da penetração entre vida religiosa e vida apostólica, é para nós um princípio — podemos dizer sem sombra de vaidade — princípio de família, congênito. Mas, pela experiência que temos, o perigo hoje para nós salesianos não está nesta direção. Se falta dedicação ao trabalho, não é para se dedicar à oração. Talvez mais verdadeira é a tentação oposta, a de prescindir da oração.

Nem sempre o trabalho é oração

Por causa de certas doutrinas mal interpretadas, a que se juntam outras dificuldades próprias da oração (lembradas no início da minha carta) também a grande quantidade de trabalho que pende sobre nós pode tornar forte a tentação de na prática eliminar a oração explícita, com a justificação de que a vida apostólica já é de per si oração suficiente, e de que o apóstolo encontra a sua santificação por meio da ação.

Se o trabalho é oração — dirá alguém — para que então outra oração, que pelo menos rouba tempo que se poderia dedicar ao trabalho? Deus não se tornou mais presente por meio de serviço aos irmãos pobres, dedicação à causa dos oprimidos, do que, ao invés, por meio de uma oração que — continua sempre esse alguém — se reduz em última análise a um monólogo que fica sem resposta?

Para eles, a verdadeira liturgia cristã consistia no cumprimento efetivo do preceito do serviço ao irmão ou no amor recíproco entre os irmãos. Concordo que o acordo da eterna “tensão” entre trabalho e oração representa — não em teoria onde as somas se fazem com facilidade, mas na realidade cotidiana — problema difícil. Mas querer resol-

(74) *Perfectae Caritatis*, n. 8.

vê-los eliminando sem mais um dos dois polos de tensão, apoiando-se sobre pseudo-razões teológicas que não têm aprovação e são desmentidas pelo magistério, é engano fatal. Já aludi às constatações feitas a esse respeito na Reunião dos Superiores Gerais.

Frente a estas atitudes mais ou menos radicais, digamos logo sem ambiguidades que tal modo de pensar *não está na linha salesiana*.

Não devemos favorecer descontinuidade entre trabalho e oração, como se se tratasse para nós, religiosos de vida ativa, de duas realidades inconciliáveis. Bem sabemos que de per si vicissitudes da vida cotidiana do nosso trabalho, não deveriam constituir obstáculo à oração e fonte de distrações, mas incitamento e convite a ela. Não nos deveriam tornar mais distraídos, porém, mais rezadores, fazendo-nos abraçar no oferecimento e na prece a Deus o mundo todo, que nos passa pelas mãos, coisas e acontecimentos.

Na prática, porém, infelizmente o serviço aos irmãos pode facilmente fazer com que percamos a necessária dimensão vertical, a junção com e para o alto e se torne vulgar e estéril horizontalismo. Não basta uma atividade, feita de qualquer modo para que haja oração. Requerem-se condições. Poderíamos dizer com fórmula antiga mas eficaz que a nossa ação deve ter “pureza de intenção”, deve ser feita conforme a vontade de Deus, dentro, pois, da obediência, e não de escolha ou iniciativa pessoal, fora das exigências e necessidades da nossa missão, ou contra elas, e contra a vontade da mesma comunidade. E na fórmula salesiana deve ser “vivificada pela união com Deus”, deve “proceder da íntima união com Ele” (75).

Se falta a junção com e para Deus, o trabalho, ainda que de índole apostólica — torna-se estéril em nossas mãos e por isso causa de empobrecimento espiritual. Não bastam teorias teológicas para mudar o que longa experiência tem demonstrado na história da Igreja.

A sobriedade característica das práticas de piedade que Dom Bosco quis há de ser interpretada não como minimismo laxo, mas em referência ao contexto, que em nosso caso é a riquíssima e intensa atmosfera sobrenatural do Oratório

(75) *Ibidem*.

de Valdocco, quer como irradiação da santidade de Dom Bosco, quer como resultante do ambiente de fervor que ele criara em meio aos meninos e no qual Deus era indiscutivelmente o centro de tudo.

O trabalho “à Dom Bosco” é meio de santidade

O trabalho, a atividade incansável que Dom Bosco quis para os seus filhos, é meio de santidade, e não pode ser entendido sem a dimensão espiritual que o compenetra inteiramente e lhe dá o verdadeiro sentido e sabor apostólico.

Os primeiros sucessores de Dom Bosco, que viveram na sua escola de vida e embebidos do seu espírito, estão todos de acordo e nem se cansam de repetir esses princípios que estão na raiz da vocação autenticamente salesiana. O Pe. Albera, poucos meses depois de eleito Reitor-Mor, dirigia aos salesianos uma circular *sobre o espírito de piedade*: “Falando-vos com o coração nas mãos — escreve — confesso-vos não posso afastar o doloroso pensamento e temor de que a gabada atividade dos salesianos, o zelo que até agora pareceu inacessível a todo desânimo, o fervoroso entusiasmo que até aqui se manteve à força de contínuos sucessos, venham a descair no dia em que não sejam fecundados, purificados e santificados por piedade verdadeira e sólida”⁽⁷⁶⁾.

E o Pe. Rinaldi, apenas eleito Reitor-Mor, cuidou de pedir a Pio XI a indulgência do trabalho santificado, como “estímulo eficaz que ajudasse (os Salesianos) a serem cada dia mais ativos, e ao mesmo tempo mais unidos ao Senhor”⁽⁷⁷⁾. A transformação da vida em oração supõe, por isso, uma sólida união com Deus. Só então a oração explícita pode, se se quer diminuir, porque o trabalho transformado em oração é de muita profundidade, onde a alma se perde em Deus. Só então é que a oração se torna uma espécie de repousante harmonia de fundo, que se prolonga no motivo da melodia caótica das ocupações cotidianas e se ouve logo que sobrevenha uma breve pausa”⁽⁷⁸⁾.

(76) Pe. Paulo Albera, op. cit. pg. 29.

(77) Pe. Felipe Rinaldi, Lettera circolare em ACS 3 (1922) pg. 16.

(78) U. V. Balthasar, Punti fermi, Milano. 1972, pg. 205.

Para nós é vértice, ideal a que devemos tender, mas que ainda não alcançamos completamente. Por isso não nos deve servir de pretexto para privar nossa alma da alimentação sólida que o encontro com Deus lhe pode dar.

Somos operadores da renovação

Caríssimos, chegando ao fim desta minha carta, volto a um pensamento que lembrei no início. Neste instante toda a Congregação está mobilizada para o trabalho delicado, difícil e urgente da renovação.

O futuro — não queremos escondê-lo — apresenta interrogações que fazem pensar. Muitos irmãos, frente à mole do trabalho por realizar perguntam por onde começar. Outros, desencorajados diante das dificuldades de várias espécies e das limitações das próprias possibilidades, resignam-se, parece, a renunciar a qualquer esforço para sair de certas situações, mantendo, para evitar o pior, as posições em que estão, sem maior entusiasmo ou vitalidade.

Diante do desafio que nos lança a história e este nosso tempo, difícil mas promissor como primavera que se prepara, convido-vos a escutar a voz de outro sucessor de Dom Bosco, proferida em circunstâncias não menos difíceis que as nossas, ao final da primeira desastrosa guerra mundial, entre ruínas materiais e sensível diminuição de pessoal — com numerosas vocações perdidas — e diante de um horizonte dramaticamente obscuro.

O Pe. Albera então, falava assim aos Salesianos: “Seríamos homens de pouca fé se nos deixássemos vencer pelo desalento. Demonstraríamos ignorar a história da nossa Pia Sociedade, se perante as dificuldades que parecem impedir-nos o caminho, parássemos desanimados. Que diria do céu o nosso dulcíssimo Pai se nos visse fracos e desalentados ao nos vermos diminuídos de número para cultivar o campo que a Providência confiou à nossa atividade? Oh! lembrai-vos de que Dom Bosco só nos reconhecerá por seus verdadeiros filhos, quando a nossa coragem e a nossa força estiverem ao par das dificuldades que tivermos de vencer.

Essa coragem e energia que nos são necessárias, devemos haurir antes de tudo na piedade. Se sempre me pareceu

necessário insistir, agora mais do que nunca sinto o dever de inculcá-lo ⁽⁷⁹⁾.

De comunidade orante a comunidade de irmãos

Caríssimos, não desconhecemos as dificuldades em que nos debatemos, nem queremos subestimá-las. Mas sabemos também que os interesses e valores que estão em jogo são tão importantes que nos comprometem com todas as nossas energias, como indivíduos, como superiores responsáveis em vários níveis, como membros de uma comunidade que em suas várias dimensões amamos com todas as fibras do nosso coração. Trata-se, com efeito, da nossa família (e que família!) que escolhemos, que nos criou e formou em todos os sentidos, e que hoje precisa da nossa contribuição para se renovar e revigorar, antes de tudo na fé e na oração. E nós temos a capacidade e todas as condições para dá-la.

Há na Congregação tão sincero e real amor com ela, há tantos irmãos — entre os quais um bom número de moços — maravilhosos sob todos os pontos de vista, tão laboriosos como humildes, ricos de fé e cheios de amor sincero a Nosso Senhor: são força viva e poderosa, que trabalha sem fazer ruído, mas com eficácia, para realizar a missão que recebemos em herança do nosso Pai: missão que todos reconhecem é atual hoje mais do que nunca. Provam-no os pedidos de ajuda e colaboração que nos vêm, especialmente das Nações em que a juventude vai aumentando e precisa com urgência de quem a eduque, promova e evangelize.

Quantos motivos para olharmos com confiança para o dia de amanhã. Mas com a condição de que, como Dom Bosco nos ensinou, arregacemos as mangas e nos empenhemos em ser operadores ativos antes de tudo da renovação fundamental que condiciona qualquer outra renovação: a espiritual, pessoal e comunitária. Já se passou um ano desde o término do Capítulo Geral Especial. Nesse intervalo já se realizaram muitos dos Capítulos Inspetoriais, ótimo! O ano de 1973 deve encontrar a cada um de nós fervorosamente empenhado em “operar, agir e realizar no âmbito de suas mansões e responsabilidades” ⁽⁸⁰⁾.

(79) Pe. Paulo Albera, op. cit. pg. 200.

(80) Atos CGE, Carta de Apres. do Reitor-Mor. XXI-XXIII.

Concretamente, os Conselhos Inspetoriais e locais, cada uma das comunidades, com as Constituições e Regulamentos, à luz das deliberações e orientações do Capítulo Geral Especial e do Inspetorial, aproveitando idéias e sugestões contidas nesta minha carta, esforcem-se, na prática e com método, em encontrar *modos, meios, tempo*, para que de fato todas as nossas comunidades se transformem em verdadeiras comunidades orantes, que se tornarão por isso mesmo também em verdadeiras comunidades fraternas.

A comunidade fraterna é elemento eixo, é necessidade que brota na natureza mesma da nossa vida e vocação. Por isso todos, moços e não tão moços, embora com mentalidades diferentes, devemos unir-nos, superando certos estados de alma, persuadidos de que todos temos limitações ou qualidades de sobra e de que todos precisamos completar-nos mutuamente.

Um pouco de humildade e realismo nos fará evidentes essas afirmações, levar-nos às aplicações práticas (já facilitadas, aliás, pelas deliberações e claras orientações do CGE, sempre inspirados nas da Igreja) e nos ajudará a olhar para Dom Bosco, no qual todos nós devemos reencontrar.

Mas a comunidade achará o sentido autêntico e jubiloso da fraternidade só na vida de *fé* e de *oração*, especialmente na Eucaristia. Só esse alimento da caridade, a que haurirão todos os membros, fará a comunidade alegremente fraterna e por isso mesmo apostolicamente fecunda.

Eis o caminho da renovação, do renascimento, de que devemos e queremos ser com a nossa vida reais e fervorosos artifices. É o que nos garante ainda uma vez com afirmações peremptórias — o Capítulo Peral Especial: “Para realizar a renovação necessária não bastam historiadores, nem teólogos, nem políticos, nem organizadores. São necessários os chamados *homens espirituais*, homem de fé, sensíveis às coisas de Deus e prontos à obediência corajosa, tal como foi o nosso Fundador”⁽⁸¹⁾.

(81) Atos do CGE, n. 18.

Estas palavras de recomendações e ao mesmo tempo encorajamento serão acolhidas — estou certo — por cada um de vós com a vontade decidida e generosa de serdes os seus realizadores.

Abençoe Dom Bosco os vossos propósitos.

Pe. LUÍS RÍCCERI

Reitor-Mor

III. COMUNICAÇÕES

1. A Estreia do Reitor Mor para 1973

A todos os membros da Família Salesiana e a quantos e ela se sentem vinculados por qualquer título.

Caríssimos, a Estreia é uma tradição legada por nosso Pai. Não tem ela apenas um valor sentimental, não é um slogan retórico, mas dá a todos os membros da nossa família um verdadeiro programa de ação e de vida, que atuado, nos une nos mesmos sentimentos. Enquanto é por demais útil ao indivíduo, traz vantagem não pequena à toda a comunidade, que embora articulada sente-se empenhada num esforço unitário para a consecução de uma meta que interessa à nossa vocação comum.

Ei-la na sua brevidade:

"A Família Salesiana reencontra a vitalidade das origens empenhando-se a viver um intenso CLIMA MISSIONÁRIO"

A atual Estreia é sugerida e solicitada antes de tudo pelo Capítulo Geral Especial, que acertadamente colocou na consciência e na animação missionária o caminho obrigatório para toda renovação verdadeira tanto dos indivíduos como das comunidades (diríamos: familiares, eclesiais, religiosas).

A Estreia, porém, tem ainda sua razão de ser no fato que quer preparar-nos séria e efetivamente para uma data que não só nos recorda um grande acontecimento, como ainda, em certo sentido, deve fazer renascer aquele clima de generosa, austera e alegre dedicação que operou o milagre das primeiras missões salesianas.

Em 1975, com efeito, se dará o primeiro Centenário das Missões salesianas. Enquanto são por nós estudadas as maneiras mais aptas para celebrar útil e adequadamente esta data histórica, empenhamo-nos todos na Congregação e na Família toda em esmiuçar a Estreia.

Logo serão providenciadas explicações, desenvolvimentos e aplicações da Estreia, adaptadas a cada componente da nossa família pa-

ra que seja mais facil a sua atuação concreta. Estreia, que entendo dar-vos com o coração missionário do Bem-Aventurado Padre Rua, em nome de Dom Bosco.

Pe. LUIS RICCIERI

2. A beatificação do Padre Miguel Rua

No dia 29 de outubro passado trinta mil pessoas pertencentes à Família Salesiana assistiram na Basílica de São Pedro, em Roma ao solene rito da beatificação do Padre Miguel Rua. Estavam presentes 27 cardeais, mais de 50 bispos, o corpo diplomático, muitos parentes do Padre Rua e também os dois miraculados.

Uma vez mais o Papa, na homilia, teve palavras afetuosas e de encorajamento para com os salesianos. No final do rito o Conselho Superior prestou homenagem ao Papa oferecendo-lhe seus dons.

A tarde, na Aula Magna do PAS romano teve lugar a Comemoração civil do Padre Rua. Foi orador aplaudidíssimo o Senador José Alessi, cooperador salesiano.

No dia seguinte, 30 de outubro, a Família Salesiana prestou homenagem ao Padre Rua na Basílica de São João Bosco, com uma celebração presidida pelo Reitor Mor, na qual participaram mais de quatrocentos sacerdotes. As celebrações em Roma prosseguiram por dois dias sucessivos.

Nos dias 9-12 de novembro um outro tríduo, seguido da festa, teve lugar em Turim, cidade natal do Padre Rua. Participaram o Cardeal de Turim, e as autoridade civís. Dos salesianos estavam o Reitor Mor com diversos Superiores do Conselho. As celebrações organizadas pelos salesianos de Valdocco contaram com a presença de várias categorias de pessoas, com o clero diocesano, as religiosas, os jovens, e associações diversas.

No item "Magistério Ecclesiastico", mais adiante, trazemos o texto integral da homilia feita pelo Papa na basílica São Pedro.

3. Nomeações de Inspetores

Foram nomeados Inspetores os seguintes irmãos:

Pe. JOÃO CANTINI para a Inspetoria argentina de Baia Blanca;

Pe. NICOLAU LO GROI para a Inspetoria indiana de Calcutá (Norte)

Pe. ARGEMIRO MOURE para a Inspeção argentina de La Plata

Pe. MATEUS MULINGATHIL para a Inspeção indiana de Gauhati (Nordeste)

Pe. FRANCISCO TESSAROLO para a Inspeção argentina de Rosário.

4. Solidariedade fraterna

a) *Inspetorias que enviaram ofertas*

ITALIA

Lombarda	Liras	430.000
Novarese		6.700.000
Meridional		756.000
Subalpina		5.647.500
Veneta São Marcos		470.000

EUROPA

De além cortina (aplicação de missas)	Liras	364.000
---------------------------------------	-------	---------

AMERICA

Bolívia	Liras	351.000
Estados Unidos		580.000

ASIA

Oriente Médio	Liras	58.500
---------------	-------	--------

Total recebido de 10 de julho até 12 de dezembro de 1972		15.357.000
--	--	------------

Saldo anterior em caixa		2.467.154
-------------------------	--	-----------

Soma disponível aos 12 de dezembro de 1972		17.824.154
--	--	------------

b) *Distribuição da soma recebida*

EUROPA

Italia — Riesi, para restauração do teto da igreja de São José	Liras	1.000.000
--	-------	-----------

Jugoslavia — Zagabria, para o pessoal em formação	500.000
Hungria — para a compra de um breviário	37.700

ASIA

Corea — Seul, para reparar os danos causados no edifício do estudantado	1.000.000
Filipinas — Manila — Tondo, para o Centro dos filhos dos favelados	1.000.000
India — Shillong, Escola Dom Bosco, máquina tipográfica	1.000.000
India — Tezpur, ao Sr. Bispo para seus pobres	500.000
Oriente Médio, para os pobres refugiados	500.000
Vietnam, para o pessoal em formação	1.000.000

AMERICA

Antilhas, Rep. Dominicana, para a reforma do aspirantado de Jarabacoa	1.500.000
Antilhas, Haiti — Porto Príncipe, refeições para pobres	1.000.000
Bolívia, para os tres centros juvenis de El Alto, Santa Cruz e La Villas	3.000.000
Brasil, Rio Negro, gastos com 4 missionários leigos	1.000.000
Equador — Cuenca, para o Colégio agronómico	1.000.000
Paraguai, para refeições dos índios da Colónia Comandante Peralta	500.000

Total distribuido do dia 10 de julho até o dia 12 de dezembro de 1972	14.537.000
Saldo em caixa	3.286.454
Total	17.824.154

c) *Movimento geral da Solidariedade Fraternal*

até o dia 12 de dezembro de 1972:		
Soma recebida	Liras	170.074.999
Soma distribuida		166.788.545
Saldo em caixa		3.286.454

N.B. Na relação anterior da Solidariedade Fraternal (Atos, n. 267) foi erradamente atribuída à Inspeção dos Estados Unidos (Este) uma oferta de Liras 1.171.480. Eis a proveniência exata: da Inspeção de São Francisco, Liras 815.480; da Inspeção de New Rochelle, Liras 356.000

d) *Lembrete*

As ofertas para a Solidariedade Fraternal sejam sempre enviadas ao Reitor Mor.

Quanto por justas razões (distância, cambio, etc.), fosse oportuno enviar as somas diretamente aos destinatários, dê-se igualmente participação à Direção Geral para as oportunas anotações.

5. Inaugura-se o “Salesianum” com uma “Semana de Espiritualidade”

Chegam ao fim os trabalhos para o “Centro de Espiritualidade e Estudos”, que com o nome de “Salesianum” foi instituído em Roma junto à Casa Generalícia. Este Centro, confiado ao Pe. Pedro Schinetti na qualidade de coordenador responsável, foi inaugurado nos dias 21/27 de janeiro de 1973 com uma iniciativa organizada pelo Dicastério da Formação Salesiana: uma “Semana de espiritualidade salesiana” com a participação de uma centena de representantes dos vários ramos da Família Salesiana.

Na “Semana” foi tratado o tema “A Família Salesiana reflete sobre sua vocação na Igreja de hoje”. Entre os conferencistas figuravam o Pe. João Beyer, da Universidade Gregoriana, Pe. Adriano Nocent, do Ateneu Santo Anselmo, os salesianos Pe. Paulo Natali, Pe. Pedro Braido, Pe. Pedro Stella, Pe. José Aubry e no dia conclusivo o Card. Garrone.

6. Pedido de fontes para dois volumes

a) *Para um epistolário do Padre Rua*

Como homenagem ao novo Bem-Aventurado, e como instrumento válido e eficaz para promover um maior conhecimento do espírito salesiano, pensou-se em publicar uma coleção completa de cartas do Padre Rua. O Reitor Mor pede, para este fim, a colaboração de

todos os membros da Família Salesiana, especialmente dos Inspectores e Diretores, das Inspetoras e Diretoras das Filhas de Maria Auxiliadora, dos Delegados e Decuriões dos Cooperadores, dos Ex-Alunos.

Os que possuem cartas e documentos do Padre Rua ou tenham conhecimento de sua existência, junto a outras pessoas ou entidades, são solicitados a enviar cópia ou notificar oportunamente o Reitor Mor, que agradece desde já aos que responderem ao pedido.

b) Para uma biografia de Dom Marcelino Olaechea

A figura excepcional desde bispo salesiano espanhol, falecido em outubro passado, merece ser recordado com uma biografia.

Convido a todos os que conheceram Dom Olaechea a fornecerem testemunhos e documentos que por ventura possuam.

Pe. Ricardo Nàcher
Colégio San Juan Bosco
Camino de la Fuente San Luis, 135
Valência 13 (Espanha)

7. Emendas à edição inglesa das Constituições e Regulamentos

Serão feitas as seguintes emendas na edição inglesa, no prelo, das Constituições e Regulamentos.

Constituições, art. 39. em continuação ao texto atual, seja acrescentado o seguinte:

“In our family atmosphere such a community becomes a living experience of the Church and a demonstration of God’s purpose for us”.

Regulamentos, art. 131. Na frase: “Shall ask the perpetually professed members” suprima-se a palavra “perpetually”. O texto corrigido fica assim: “shall ask the professed members”.

Regulamentos, art. 168. Na penúltima linha do artigo, no lugar de “assembly of the members” deve-se ler “local community assembly”.

8. Os noticiários Inspetoriais

Quase todas as Inspetorias, acolhendo a solicitação do Capítulo Geral Especial de intensificar a troca de informações em nível de

Irmãos, providenciaram a publicação de Noticiário Inspetoriais. Muitos desses noticiários são enviados com regularidade à Casa Generalícia.

Agora, convido a todos a enviar ao menos duas cópias: uma ao Reitor Mor e outra ao Secretariado Salesiano de Imprensa. Este Secretariado, com efeito, tem como finalidade fazer circular as notícias mais importantes da Congregação; além de aviar um estudo sobre as opções práticas feitas pelos Irmãos no redigir os mesmos Noticiários, (seu enfoque, conteúdo, tipo de impressão, etc.).

Através dos dados recolhidos e da reflexão sobre os mesmos será possível elaborar observações e conselhos úteis a todos.

9. Busca de dados para as Estatísticas Salesianas

A Secretaria Geral, como todos os anos, está recolhendo os dados para compilar as Estatísticas Salesianas relativas a 1971 e 1972. De muitas Inspeorias já foram eles enviados. A Secretaria Geral solicita aos Secretários Inspeoriais que ainda não o tivessem feito, de enviá-los quanto antes.

IV. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

1. Reuniões do Conselho Superior

De volta os Superiores Regionais, da longa viagem feita às próprias Inspetorias, o Conselho Superior encontrou-se diante de um vasto trabalho a fazer. Em primeiro lugar os Superiores Regionais apresentaram em Conselho uma relação detalhada sobre suas visitas aos Irmãos, assinalando os problemas encontrados e formulando propostas concretas para auxiliar as Inspetorias a superar as dificuldades do momento.

Enquanto isso dava-se andamento ao estudo do “planejamento geral das atividades” a serem desenvolvidas nos próximos anos, e eram nomeados alguns novos Inspetores. Mas o Conselho Superior se empenhou, sobretudo no exame das Deliberações dos CIE. Este último trabalho, apresentou-se complexo, longo, delicado, e importante. Trata-se de verificar se os conteúdos das Deliberações estão em harmonia com as Constituições e Regulamentos, e com o que foi estabelecido pelo Capítulo Geral Especial.

Cada Dicastério (Formação, Pastoral Juvenil, Pastoral de Adultos, e Missões) faz a leitura por inteiro das Deliberações, com a atenção voltada sobretudo para os setores da própria competência. As eventuais observações nascidas da leitura são depois apresentadas aos Superiores da Região donde provem as Deliberações. Este acrescenta as próprias observações e as submete ao estudo do Conselho Superior. Então o Conselho Superior decide sobre a aprovação das mesmas Deliberações e sobre os eventuais pontos a serem ratificados.

As decisões do Conselho são depois levadas ao conhecimento do Inspetor interessado. Este então convocará o seu Conselho Inspetorial, ao qual compete fazer as emendas necessárias. Finalmente as Deliberações do CIE estarão prontas para a publicação e promulgação oficial.

No momento consta que já foram enviados aos Inspetores os documentos contendo as aprovações e os reparos feito pelo Conselho Superior sobre os CIE das seguintes Inspetorias: Subalbina, Ligure-

-Toscana, Lombardo-Emiliana, Meridional, Novarese, Romano-Sarda, Sicula, Veneta Oeste, Barcelona, Bilbao, Cordoba, (Espanha), Lion, Madrid, Sevilha, Lisboa, Paris, Bélgica Sul, Zagabria, Toquio, Bombay, Calcutá, Madras, Antilhas, America Central, Caracas, Belo Horizonte, La Plata.

2. Trabalho dos Dicasterios

Os diversos Dicasterios do Conselho Superior estão trabalhando em vários setores.

O Dicasterio das Missões, em previsão do “Centenário das Missões Salesianas”, que se dará no próximo 1975, teve no mês de janeiro algumas reuniões de peritos para programar adequadas iniciativas.

O mesmo Dicastério deu andamento à preparação de um documento sobre a “Formação permanente”; reuniu também os biblistas salesianos da Itália; colaborou com um grupo de liturgistas na preparação de um “paradigma da oração salesiana”, que contém orientações a serem propostas às inspetorias italianas; organizou reuniões para os Irmãos Coadjuutores.

O Dicastério da Pastoral dos Adultos empenhou-se longamente na organização das celebrações em honra do *Bem-Aventurado* Padre Rua e agora estão presidindo a numerosas reuniões organizadas nos setores dos Cooperadores, Ex-Alunos, Voluntarias de Dom Bosco, etc.

Além disso estão em estudos alguns problemas referentes à imprensa e informação na Congregação, como a coordenação das Casas Editoras Salesianas; o potenciamento do Boletim Salesiano que sob nomes diversos são publicados em mais de vinte edições; a preparação de um noticiário de ligação entre os Salesianos desejado pelo Capítulo Geral Especial.

3. Encontros com a Família Salesiana

Além do intenso trabalho na sede, muitos dos Superiores tiveram oportunidade de se encontrar com a Família Salesiana em ocasiões particulares, e de desenvolver outras atividades.

O Reitor-Mor com o seu Conselho presenciou em Turim as celebrações da Beatificação do Padre Rua, e em Roma à conclusão do Centenário das Filhas de Maria Auxiliadora, celebrada no dia 8 de dezembro: houve uma missa concelebrada presidida pelo Cardeal Garrone, e uma comemoração pelo Ministro Italiano da Educação Luis Scalfaro.

O Reitor Mor também esteve ocupado com diversas reuniões promovidas pela “Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares”; antes participou da “congregação plenária”, sempre como membro da mencionada Sagrada Congregação, participou do Congresso Internacional das “Conferências dos Superiores Maiores religiosos”, finalmente tomou parte numa reunião de estudo sobre a oração, promovida precisamente para Superiores Gerais (estavam presentes mais de 70, e entre os relatores figuravam o Padre Loew e o Padre Häring).

Em Roma o Reitor Mor com o Pe. Rainere e o Pe. Fiora interveio numa dupla reunião de Cooperadores italianos (de Jovens Cooperadores e de Cooperadores Adultos): uma reunião que contou com a participação singular, pela primeira vez, num clima que se poderia chamar de “ecumenismo doméstico”, as Filhas de Maria Auxiliadora (pelas quais estavam presentes diversas Delegadas dos Cooperadores, juntamente com a Superiora Geral Madre Ersilia Canta) e também algumas voluntárias de Dom Bosco.

O Conselheiro para as Missões Pe. Tohill entre 9 e 12 de novembro esteve em Lión na França para representar a Congregação na Conferência Internacional das Pontifícias obras Missionárias por ocasião do 150.º aniversário da “Propaganda Fide”.

Logo depois, do dia 14 ao dia 30 de novembro, o Pe. Tohill representou o Reitor Mor na Índia, por ocasião das celebrações do 50.º aniversário da Missão Salesiana no Assam. Além de Shillong, lugar das celebrações, visitou também os salesianos de Gauhati, Calcutá, Krishnagar e Bombay.

O Pe. Raineri esteve por duas vezes na Espanha para presenciar as reuniões regionais dos Cooperadores, e participou de diversas reuniões em Roma no âmbito da Pastoral dos Adultos.

O Pe. Fiora, Conselheiro para a Itália, presenciou em Roma um encontro de Diretores dos Estudantados Teológicos promovido pelo Dicastério da Formação, para uma rápida visão de conjunto da problemática dos mesmos Estudantados. Em Milão, participou de um encontro de Ecônomos Inspetoriais, e em Turim da reunião anual da Consegil (que se interessa pelos jovens trabalhadores).

O Pe. Vecchi voltou à América Latina, onde presenciou o CIE da Inspetoria Argentina de Córdoba, e no caminho de volta parou em São Paulo, Brasil, para ouvir os irmãos sobre alguns problemas locais.

Este resumo, muito incompleto, de encontros, análises de problemas e programações em vários níveis, indica o empenho que existe em toda parte para tornar mais operante as indicações de renovação conciliar e capitular da Congregação.

V. DOCUMENTOS

1. Da “Carta do Reitor Mor à Família Salesiana”

A “Carta do Reitor Mor à Família Salesiana” — que foi publicada na íntegra no Boletim Salesiano italiano e nestes dias é difundida por várias revistas salesianas, contém além da “Estréia para o ano de 1973” (apresentada neste número em Comunicações), estas duas passagens de interesse comum.

a) *As novas obras de 1972.*

Quanto às novas obras nascidas em 1972, parece-me importante uma observação.

O Capítulo Geral Especial ordenou que se proceda em toda a Congregação a uma corajosa e aprofundada verificação de todas as obras existentes, e isto tendo em vista da renovação da Congregação, como é entendida em suas múltiplas implicações pelo mesmo Capítulo, e para assegurar a sua validade à luz não só das deliberações capitulares, mas das situações sociais mudadas. Tal verificação leva o nome de Redimensionamento das obras.

Compreende-se facilmente que esta vasta e complexa operação comporta antes de tudo uma pausa de novas obras, na espera que seja definida a função de muitas delas, também em relação à disponibilidade de pessoal, e à sua necessária qualificação nos vários setores de nossa missão.

Neste momento tal qualificação é da máxima importância e portanto de interesse prioritário. Devo, porém, acrescentar que malgrado tudo o que eu disse, alguma nova obra surgiu em 1972, dentro da linha indicada pelo Capítulo Geral, enquanto que aqui e ali no mundo, precisamente como efeito do redimensionamento, várias obras foram fechadas.

Novas atividades, dentro da linha do Capítulo Geral Especial

Parece-me justo acentuar que estas novas atividades querem responder, em linha de máxima, às orientações do Capítulo Geral a propósito da prioridade e de atuação da nossa missão.

Algum exemplo antes de apresentar o elenco.

Em Roma, ao lado da nova sede da nossa Direção Geral, que esta em funcionamento desde junho passado, surgiu um Centro de Espiritualidade, e Cultura: o "Salesianum". Dotado de moderno equipamento e com possibilidade de hospedar 150 pessoas, oferece hoje comodidade para reuniões, congressos, cursos de estudo, retiros, não só para nossa Família, como também, para outros, que dentro da finalidade em se inspira a obra de Dom Bosco, queiram desenvolver iniciativas e atividades espirituais ou culturais. O Centro inaugurará sua vida no fim de janeiro com um Curso de Espiritualidade Salesiana dedicado aos membros da grande Família de Dom Bosco.

A nossa Inspeção de Madri, entrando pela primeira vez na Guiné, iniciou nesse país uma atividade de assistência e promoção destinada a alargar-se como ação evangelizadora. Já estão nesse trabalho seis salesianos.

No Brasil iniciou-se uma ação de grande influência, especialmente nas zonas periféricas e depressas, com centros de alfabetização e de qualificação profissional (Brasília, Belo-Horizonte, Jaciguá, Campo Grande).

Na Índia foram abertos dois novos centros missionários na Inspeção de Madras (Polur, Tiruvannamalai).

As realizações dos salesianos

Eis o elenco de realizações que com a vossa preciosa ajuda podemos atuar.

AMÉRICA, Argentina — Funes (Santa Fé): Escola Média de orientação apostólica.

Brasil — Belo-Horizonte: Paróquia, Centro Juvenil, Centro de Alfabetização para adultos, Escolas profissionais.

Brasília: Paróquia, Escola elementar, Centro de alfabetização para adultos.

Jaciguá: Paróquia, Centro de Alfabetização para adultos;

Campo Grande: Paróquia, Obras Sociais Paulo VI.

Venezuela — Caracas-Boleira: Paróquia, Centro de Pastoral Juvenil.

Equador — Zumbagua: Paróquia, obras para a promoção humana e cristã dos indígenas.

ASIA: Índia — Polur: Paróquia, missão, oratório;

Tiruvannamalai: Paróquia, missão.

ÁFRICA, Guiné Equatorial — Bata: Escola elementar para internos e externos.

EUROPA. Bélgica — Eeklo: Centro de assistência juvenil.

Escócia — Glasgow: Pensionato para jovens .

Polónia — Paróquia e Centro de catequese e pós escola em Trzebnice, Milkowice, Grabowno Wielkie, Chocianowicz, Pakoslawsko.

As realizações das Filhas de Maria Auxiliadora.

Também as Filhas de Maria Auxiliadora, especialmente como celebração concreta de seu Centenário, deram andamento um pouco em todos os continentes, a numerosas obras em zonas particularmente necessitadas. Algumas delas são totalmente novas, outras são fruto do desenvolvimento de obras já existentes que se abriram a uma atividade de assistência e de promoção social.

EUROPA. Itália — Alexandria, na paróquia periférica de São José Operário, Escola Materna, Centro Juvenil diário, catecismo e obras paroquiais para a população constituída de emigrantes.

Belluno: Obras sociais e de evangelização em zona periférica;

Clívio (Varese): Cursos de qualificação profissional, atividades de tempo livre.

Irlanda — Maynooth (Kildare): Pensionato para estudantes universitários.

AMÉRICA. Brasil — Araras (São Paulo): num bairro pobre, escola elementar, alfabetização de adultos, catequese, visitas domiciliares, e pequeno ambulatório.

Rio de Janeiro: Obras de promoção social, catequese paroquial.

México — Villaflores (Chiapas): escola paroquial e atividades de evangelização.

Estados Unidos — Filadelfia: escola elementar e atividades várias, catequese.

ASIA. Japão — Oita: escola materna catequese, visitas domiciliares.

Corea: — Pensionato para jovens operárias.

b) *A crise de vocações*

Pela confiança recíproca que devemos ter todos que pertencemos à Família Salesiana, desejo colocar-vos a par de uma grande pena que me aflige e que é motivo de sérias preocupações: trata-se da crise de vocações.

Já tereis ouvido falar dela como de um fenómeno que atinge a Igreja em geral e os Institutos Religiosos. É verdade. Mas devo dizer que nós, salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora, estamos sendo atingidos, embora de modo diverso. Não vivemos em uma redoma e os fenómenos mundiais não nos deixam ilesos.

Compreendereis que, se de um lado, aqueles que estão em período de prova não resistem a ela e saem e de outro lado diminuem as novas levadas necessárias para suprir os que caem “sulla brescia”, os que adoecem ou que de alguma forma vem a faltar; nossas Congregações encontram-se em um estado que é sob diversos aspectos críticos, de conseqüências não facilmente imagináveis.

Certamente, não sou favorável a um aumento quantitativo a todo custo e cada vez mais me convengo que o primeiro e principal progresso e desenvolvimento esta na qualidade das vocações. Mas é igualmente certo que se não se podem preencher em maneira adequada os vazios que naturalmente se vão criando, é difícil um progresso na qualidade; e não se vê como continuar com tantas obras.

O problema é grave e complexo, e é evidente que não pode ser analisado aqui agora. Mas por ser absolutamente vital, será necessário voltar ao argumento propositalmente.

É a Família toda que está interessada. No momento contento-me por haver-vos colocado a par da preocupação que nossas Congregações têm; isto parece-me bastar por ora; pois que já vos interessais pelo problema. São tantos os modos e os meios com que manifestais esse vosso interesse.

É necessário que o problema das vocações seja vivido e levado avante por todos, não tanto com estereis lamentos ou belas palavras, mas com fatos; especialmente com nossa vida coerente e ativa na alegria salesiana.

2. *A Solidariedade Fraterna*

Texto da comunicação feita pelo Conselheiro para as Missões aos Inspectores Salesianos, com data de 13 de novembro de 1972.

Caros Inspetores, nestes dias o Reitor Mor aprovou um plano de auxílio a catorze obras como aparecerá na oitava distribuição do fundo proveniente da solidariedade. Restam em caixa apenas algumas libras. O exíguo saldo não nos preocupa, uma vez que constatamos que não poucas Inspetorias se distinguem não só pela generosidade mas também pela continuidade e regularidade. Existem também Inspetorias longínquas e paupérrimas que recebendo o auxílio fraterno sabem encontrar meios de auxiliar os outros.

Neste mês de novembro chegaram a destinação os últimos dos 24 irmãos missionários voluntários. Provenientes de 5 nações diversas, foram distribuídos entre 14 Inspetorias missionárias, de 12 países diversos, em três continentes.

Eis os benéficos resultados da nossa solidariedade: um auxílio em termos econômicos, e um outro mais vivo ainda, os missionários que partem.

Permiti-me recordar a natureza deste nosso dever de justiça e caridade fraterna. O dinheiro que se envia para a "Solidariedade" deve ser um fruto que provém de cada um de nós como pessoas e como comunidade. As ofertas dos benfeitores, as várias coletas, são uma outra coisa. "Da nossa pobreza vivida mais generosamente, de uma administração mais cuidadosa e atenta, de uma economia inteligente e sabia, e porque não, de certas renúncias de coisas superfulas e até inoportunas, devem provir os frutos completos da solidariedade para com os irmãos e para com tantas de nossas obras necessitadas. (ACS 256, p. 664).

Até o presente 127 vezes nossas comunidades inspetoriais responderam com generosidade, ao dever da caridade fraterna, enviando para a solidariedade um total de quase 170 milhões de libras. Com esta quantia o Reitor Mor pode oferecer auxílio aos necessitados, salesianos e não salesianos, 148 vezes. Atrás de cada oferta existe uma história comovente e edificante de provações, sacrifícios, e renúncias, e atrás de cada auxílio um pouco de alívio, um incremento ao trabalho apostólico, no grande oceano dos pobres.

Caros Inspetores, quereria dirigir por vosso intermédio, um caloroso apelo a todas as nossas comunidades, para que continuem, com generosidade e regularidade, a dar prova concreta da própria fraternidade religiosa e da sua preocupação pela desconcertante diferença econômica e social que vemos em tantas partes.

Para isto cada comunidade programe seria e concretamente os modos mais eficazes de contribuir à solidariedade, em particular no

próximo Advento e na Quaresma, ocasiões particularmente aptas para atuar nossa caridade para com os irmãos necessitados.

Em nome de todos os missionários salesianos e não salesianos que beneficiaram-se de vossa caridade, em nome também do Reitor Mor e no meu pessoal, apresento-vos vivos agradecimentos, assegurando-vos uma lembrança particular na Santa Missa.

Pe. BERNARDO TOHILL

VI. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

1. “Bendigamos o Senhor! Eis: o Pe. Rua Bem-Aventurado!”

Homília de Paulo VI no dia 29 de outubro na Basílica de São Pedro, durante a cerimônia da Beatificação do Pe. Miguel Rua (“L’Os-servatore Romano”, 5 de nov. de 1972).

Veneráveis Irmãos
e Filhos caríssimos,

bendigamos o Senhor porque o Padre Miguel Rua acabou de ser declarado Beato por nós!

Mais uma vez, realizou-se um prodígio: elevado pelos braços da Igreja sobre a multidão dos homens, este sacerdote, dotado de um poder de levitação, que a graça acolhida por um coração heroicamente fiel tornou possível, subiu a um nível superior e luminoso, atraindo sobre si a admiração e o culto de que podem gozar aqueles irmãos, que, tendo passado à outra vida, alcançaram a bem-aventurança do reino dos céus.

Um perfil, magro e consumido, de sacerdote todo mansidão e bondade, todo dever e sacrifício, definia-se no horizonte da história e permanecerá nela para sempre: é o novo Beato Padre Miguel Rua.

Estais contentes? É supérfluo dirigir esta pergunta à tríplice família salesiana que, nesta Basílica e no mundo inteiro exulta conosco, transfundindo a sua alegria em toda a Igreja. Hoje é um dia de festa em toda a parte onde ela se encontra, um dia de festa especialmente para a Igreja de Turim, cidade natal do novo Beato, que vê integrada, nas fileiras mais recentes, podemos dizer, dos seus eleitos, uma nova figura sacerdotal, que atesta as virtudes da sua estirpe civil e cristã, prometendo-lhe, para o futuro, nova fecundidade.

O Padre Miguel Rua foi beatificado. Não entendemos, neste momento, traçar o seu perfil biográfico nem fazer o seu panegírico. A história do novo Beato é conhecida por todos. Os bons salesianos nunca deixam de celebrar as glórias dos seus heróis. É precisamente esta devida homenagem, por eles prestada as virtudes dos seus filhos, que

não só os torna populares, mas também alarga o raio do seu exemplo e multiplica a sua benéfica eficácia, criando uma epopéia para a edificação do nosso tempo.

Além disso, neste momento em que uma jubilosa comoção se apodera do nosso espírito, julgamos que é melhor meditar do que ouvir. Meditemos, portanto, por alguns instantes, sobre o aspecto característico do Padre Miguel Rua, sobre o aspecto que o define e que, num relance, o descreve inteiramente, fazendo com que o compreendamos.

Filho, discípulo, imitador

Quem é o Padre Rua?

É o primeiro sucessor de São João Bosco, o Santo Fundador dos Salesianos. E porque foi, agora, beatificado, ou seja, glorificado o Padre Rua? Foi beatificado e glorificado porque, exatamente, foi o sucessor de São João Bosco, isto é, o seu continuador: filho, discípulo e imitador. O Padre Rua foi o primeiro a fazer, no que foi seguido por outros, como todos sabem, do exemplo de S. João Bosco uma escola, da obra pessoal do Santo uma instituição, que se espalhou, podemos dizer, por toda a terra, da sua vida uma história, da sua regra um espírito, da sua santidade um tipo, um modelo. Fez da fonte uma torrente, um rio. Pensai na parábola do Evangelho: "...o reino dos céus é comparado a um grão de mostarda que um homem toma e semeia no seu campo: ela é a menor de todas as sementes, mas quando cresce torna-se um arbusto maior do que todas as hortaliças, de modo que os pássaros vêm aninhar-se nos seus ramos" (1).

A prodigiosa fecundidade da família salesiana, um dos maiores e mais significativos fenômenos da perene vitalidade da Igreja no século passado e também no nosso, teve em São João Bosco a sua origem, e no Padre Rua a sua continuação. Este discípulo de São João Bosco, desde os modestos inícios da obra salesiana, em Valdocco, servia-a na sua capacidade de expansão, compreendeu o valor da sua fórmula, desenvolveu-a com textual coerência e, ao mesmo tempo, com genial novidade. O Padre Miguel Rua foi o filho mais fiel de São João Bosco e, por isso, o mais humilde e também o mais valoroso de todos eles.

(1) Mt 13, 31-32.

Este fato é, por demais, conhecido. Não queremos fazer citações que, aliás, a vida do novo Beato apresenta com abundância exuberante. Vamos fazer, porém, uma única reflexão, que julgamos ser muito importante, especialmente nos nossos dias. Diz respeito a um dos valores mais discutidos da cultura moderna, tanto positiva como negativamente. Referimo-nos à tradição. O Padre Miguel Rua inaugurou uma tradição.

A tradição, que encontra cultores e admiradores no campo da cultura humanística, por exemplo, no da história, do devir filosófico, não é devidamente honrada no campo da ação, onde a rutura com a tradição — a revolução, a renovação precipitada, a originalidade que não tolera o ensinamento alheio a independência em relação ao passado, a libertação de todo e qualquer vínculo — parece ter-se tornado a norma da modernidade, a condição do progresso. Não negamos o que há de salutar e de inevitável neste comportamento da vida orientada para a frente, para progredir no tempo, na experiência e na conquista das realidades circunstanciais. Mas queremos chamar a atenção para o perigo e para os prejuízos que podem ser causados pelo repúdio cego da herança que o passado transmite às novas gerações, por meio de uma tradição sábia e seletiva. Se não tivermos na devida conta este processo de transmissão, poderemos perder o tesouro, acumulado, da civilização, e, então, seremos constrangidos a reconhecer que, em vez de progredir, regredimos, e a recomeçar uma extenuante fadiga. Poderemos perder o tesouro da fé, que tem as suas raízes em determinados momentos da história passada, e, assim, viríamos a ser como náufragos no pélagos misterioso do tempo, sem a noção do reto caminho nem a capacidade de o seguir. Este quadro imenso, que nos é apresentado na primeira página da pedagogia humana, faz-nos ver o grande valor, que ainda possui o culto da sabedoria das pessoas de idade, e, para nós, filhos da Igreja, o dever e a necessidade que temos de haurir na tradição aquela luz amiga e perene, que projeta, do passado remoto e próximo, os seus raios sobre o caminho que empreendemos.

Diante do Padre Rua, este tema torna-se, para nós, simples e elementar, embora sempre digno de consideração.

Ser Continuadores

Que nos ensina o novo Beato? Como conseguiu subir à glória do paraíso e merecer a exaltação que hoje a Igreja lhe tributa? Como dissemos antes, o Padre Rua ensina-nos a ser, precisamente, conti-

nuadores, isto é, seguidores, alunos e mestres, se quiserdes, contanto que permaneçamos discípulos de um Mestre superior. Ampliemos a lição que ele nos dá. O Padre Rua exorta os salesianos a permanecerem salesianos, filhos sempre fiéis do seu Fundador. A todos nós, ele ensina a reverência ao magistério que preside ao pensamento e à economia da vida cristã. O próprio Cristo, como Verbo que procede do Pai, e como Messias executor e intérprete da revelação que Lhe é relativa, disse de Si mesmo: “A Minha doutrina não é Minha, mas d’Aquele que Me enviou” (2).

A dignidade do discípulo, depende da sabedoria do Mestre. A imitação do discípulo já não é passividade nem servilismo, é fermento, é perfeição (3). Com efeito, a capacidade que ele tem de desenvolver a própria personalidade deriva daquela arte de extrair, própria do preceptor, a qual se chama, exatamente, educação. E a arte que orienta a expansão lógica, mas livre e original, das qualidades virtuais do discípulo. Queremos dizer que as virtudes de que o Padre Rua é modelo, e que levaram a Igreja a beatificá-lo, são aquelas virtudes evangélicas dos humildes que seguiram a escola profética da santidade dos humildes a quem foram revelados os mistérios mais altos da divindade e da humanidade (4).

Poderoso operário do Reino

Se, realmente, o Padre Rua se qualificou como o primeiro continuador do exemplo e da obra de São João Bosco, é para nós motivo de satisfação imaginá-lo e venerá-lo sob este aspecto ascético de humildade e de dependência. Mas nunca poderemos esquecer o aspecto operativo deste pequeno grande-homem, principalmente porque nós, que não estamos longe da mentalidade do nosso tempo, inclinado a medir a estatura de um homem pela sua capacidade de ação, advertimos que temos diante de nós um atleta de atividade apostólica, que, permanecendo do tipo de São João Bosco, mas com dimensões próprias e cada vez maiores, confere ao Padre Rua as proporções espirituais e humanas da grandeza. Com efeito, a sua missão é grande. Os biógrafos e os críticos encontraram na sua vida as virtudes heróicas que são os requisitos exigidos pela Igreja para o resultado positivo das causas de beatificação e canonização, e que supõem e atestam uma extraordinária abundância de graça divina, primeira e summa causa da santidade.

(2) Jo 7, 16.

(3) Cfr. 1 Cor 4, 16.

(4) Cfr. Mt 11, 25.

A missão que torna grande a figura do Padre Rua desdobra-se em duas direções exteriores, distintas, mas cruzam-se e fundem-se no coração deste poderoso operário do Reino de Deus, como geralmente acontece na forma do apostolado que a Providência lhe confiou: a Congregação Salesiana e o Oratório, ou seja, as obras em favor da juventude e todas as outras que lhe fazem coroa.

A multiforme obra salesiana

Neste ponto, o nosso elogio deveria dirigir-se à triplice família religiosa a que São João João Bosco, primeiro, e, depois, o Padre Rua, com linear sucessão, deram início: a dos Sacerdotes Salesianos, a das Filhas de Maria Auxiliadora e a dos Cooperadores Salesianos. Cada uma delas teve um maravilhoso desenvolvimento sob o impulso metódico e indefeso do nosso Beato. Basta recordar que, nos vinte anos em que ele governou a Congregação, as casas salesianas, fundadas por São João Bosco durante a sua vida, passaram de 64 a 314. Vêm aos lábios, num sentido positivo, as palavras da Bíblia: "... está aí o dedo de Deus" (5).

Glorificando o Padre Rua, rendemos glória ao Senhor, que, na pessoa dele, nas crescentes fileiras dos seus confrades e no rápido incremento da obra salesiana, quis manifestar a Sua bondade e o Seu poder, capazes de suscitar, também no nosso tempo, a inexaurível e maravilhosa vitalidade da Igreja, e de oferecer ao seu zelo apostólico os novos campos de trabalho pastoral, que o impetuoso e desordenado desenvolvimento social abriu à civilização cristã. Saudamos, exultando com eles de júbilo e de esperança, todos os filhos desta jovem e florescente Família Salesiana, que, hoje, sob o olhar amigo e paterno do seu novo Beato, caminham com entusiasmo pela estrada íngreme e reta da já confirmada tradição de São João Bosco.

As obras salesianas apresentam-se, diante dos nossos olhos, iluminadas pelo Santo Fundador e, com novo brilho, pelo Beato Rua, que foi o seu continuador. É para vós que dirigimos o nosso olhar, jovens da grande escola salesiana. Vemos refletido nos vossos rostos e resplandecente nos vossos olhos o amor que São João Bosco, e com ele o Padre Rua e todos os seus confrades, de ontem e de hoje e, certamente, também os de amanhã, projetam e projetarão magnifi-

(5) Ex 8, 19.

camente em vós. Quanto vos estimamos, quanto vos admiramos, com quanta satisfação vos vemos alegres, expansivos e modernos! Sois jovens que cresceram e crescem nesta multiforme e providencial obra salesiana!

Saudamos hoje também a vós, jovens

O nosso coração comove-se profundamente com as iniciativas extraordinárias que o gênio de caridade de São João Bosco, do Beato Miguel Rua e dos seus inúmeros seguidores soube empreender para vós; para vós, especialmente, filhos do povo; para vós, se tendes necessidade de assistência e de ajuda, de instrução e de educação, de preparação para o trabalho e para a oração; para vós, se sois filhos da desventura ou, vivendo em terras longínquas, esperais quem venha ao vosso encontro, com a sábia pedagogia preventiva da amizade, da bondade e da alegria, quem saiba brincar e dialogar convosco, quem vos faça bons e fortes, tornando-vos serenos, diligentes e fiéis, quem vos descubra o sentido e o dever da vida e vos ensine a encontrar em Cristo a harmonia de todas as coisas! A nossa saudação é também para vós. Por um momento, queremos chamar a vossa atenção, alunos, pequenos e grandes, da alegre, estudiosa e laboriosa escola salesiana, e também a dos vossos coetâneos das cidades e dos campos, escolares, desportistas, trabalhadores e sofredores, que freqüentais as nossas aulas de catecismo e as nossas igrejas, convidando-vos a erguer os vossos olhos para este novo Beato, Padre Miguel Rua, que tanto vos amou e que agora, pela nossa mão, que deseja ser a de Cristo, vos abençoa a todos e a cada um.

2. “Sede fiéis à vossa vocação religiosa”

Os representantes das “Conferências Nacionais dos Religiosos e das Religiosas” reuniram-se em Roma para um encontro promovido pela Sagrada Congregação para os Religiosos. No dia 19 de outubro foram recebidos pelo Papa, e nessa ocasião S. S. Paulo VI lhes dirigiu a palavra em francês. Apresentamos aqui alguns tópicos da tradução saída no “L’Oss. Romano”, 29 de outubro de 1972.

Não pretendemos, neste breve encontro, considerar o conjunto das questões suscitadas pela renovação adequada da vida religiosa. Manifestamo-vos, o ano passado, na nossa Exortação Apostólica “*Evangelica testificatio*”, as nossas preocupações e as nossas esperanças a

este respeito. Em nome do Senhor, indicamos os critérios de discernimento que vos poderão guiar neste caminho exigente, mas tão fascinante, de uma vida mais evangélica. Pedimo-vos para terdes diante dos olhos estes diversos elementos da vida religiosa, que nós pusemos em evidência, assim como para meditardes sobre eles, sem descuidar nenhum. Esta manhã, queremos apenas reavivar em vós o “espírito religioso” que deve caracterizar as vossas pessoas e as vossas comunidades, assim como a vossa adesão positiva à Igreja.

O mundo precisa de vossa fidelidade

De fato, propuseste-vos viver a vossa vocação batismal no quadro particular da vida religiosa; ou, ainda melhor, aceitastes servir o Senhor desta forma radical, que responde profundamente a um apelo evangélico, forma comprovada através dos séculos, na Igreja, e que esta autenticou como um singular e indispensável testemunho das bem-aventuranças. Dizemo-vos sem preâmbulos; sede conseqüentes convosco, mostrai-vos fiéis à vossa vocação, não permitais que se dissolva, tanto na teoria como na prática, este caráter essencial da vida religiosa, que faz parte da vossa. A maior parte dos cristãos é chamada a afirmar a sua fé e a exercer a sua caridade, como leigos, com todas as responsabilidades temporais que lhes incumbem, e, como já dissemos muitas vezes, o seu testemunho é essencial. Alguns deles hoje fazem-no com o apoio e segundo as exigências de um Instituto Secular, e, recentemente, também louvamos esta iniciativa. Uns e outros, porém, têm precisamente necessidade da vossa fidelidade à própria vocação específica de religiosos e de religiosas. Ela requer, como sabeis, além da profissão dos votos de castidade consagrada, de pobreza e de obediência, uma vida em comum, vivida numa fraternidade integral. Requer uma ascese particular que vos faz renunciar, livre e alegremente, aos bens deste mundo, em sinal da vossa doação ao Senhor Jesus, que deveis amar acima de tudo e até à Cruz. Manifesta-se numa obediência que vos torna irremovivelmente disponível à vontade do nosso Pai do céu, por meio dos apelos concretos da Igreja e dos vossos Superiores, do mesmo modo como Cristo viveu a obediência ao Seu Pai, por meio da servidão da Sua encarnação (6). Em resumo, deveis tender para a perfeição evangélica (7), de maneira a serdes permanentemente os sinais vivos da transcendência do Reino de Deus.

(6) Cfr. JACQUES GUILLET, *Jesus Christ hier et aujourd'hui*. Desclée de Brower, 1963, pp. 109-125.

(7) Cfr. Mt 5, 48.

Não deveis ter medo de ser religiosos

Certamente este sinal nem sempre será compreendido, não só pelo “mundo”, no sentido em que o emprega São João, mas também pelos homens de boa-vontade, ou seja, pelos vossos irmãos e irmãs cristãos. E vós sofrereis com isto. É que este mundo não só está sujeito à atração, e algumas vezes até à escravidão, do ter, do poder e da carne, mas também se tornou hipersensível à exigência de um desenvolvimento pessoal, no âmbito de uma autonomia completa. A vossa vida pode apresentar, aos seus olhos, alguma coisa de misterioso, de estranho, até mesmo, segundo alguns, de desumano. Portanto, como vós sabeis, o que é uma loucura aos olhos dos homens é sabedoria aos olhos de Deus (8). Por outro lado, o verdadeiro escândalo não consistirá em compreender que, sob o pretexto da adaptação, renunciais a estas exigências de oração, de humildade, de pobreza, de comparticipação, de pureza, de simplicidade e de serviço desinteressado, que Deus pediu aos Seus discípulos?

Compreendamo-nos bem: a forma de vida religiosa não deve desprezar os engenhos naturais nem os carismas pessoais; deve servir a vocação de cada pessoa. E, vós, Superiores, tendes o pesado cargo de velar por que cada um dos vossos irmãos e irmãs se disponha a isso, seja tratado com consideração, seja reconhecido e amado, e possa dar à comunidade e ao mundo o melhor de si mesmo. A este propósito, porém, não se deveria esquecer o paradoxo do Evangelho, que vós tendes, mais do que os outros, a missão de realizar plenamente: “Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas quem perder a sua vida por Minha causa, encontrá-la-á” (9).

Convençei-vos bem que este amor do Senhor, vivido até à renúncia de vós próprios, não ficará sem frutos. Dando-vos uma alegria profunda e a esperança da vida eterna, ele abrirá misteriosamente às almas o caminho para o Deus do amor. Sim, neste sentido, não tendes medo de serdes plenamente religiosos.

Amar o mundo e anunciar-lhe Cristo

Agora, vamos falar brevemente sobre o segundo tema do nosso encontro. Esse amor a Deus, reavivado numa oração íntima e estimulado pela vida fraterna, não permitirá que vos afasteis, até pelo

(8) Cfr. 1 Cor 1, 25-27.

(9) Mt 16, 25.

contrário, do zelo missionário que hoje vos anima e que profundamente nos faz regozijar. Quer tenhais uma vida contemplativa, quer tenhais uma vida diretamente apostólica, o amor da Igreja deverá constituir o centro das vossas preocupações. Evidentemente, aderis sem reservas à verdadeira fé que ela professa; acolheis com confiança as orientações que ela dá, as decisões que toma, nos diversos campos, para o bem de todos: na hora presente, este testemunho de fidelidade do conjunto dos religiosos, unidos à Sé de Pedro, parece-nos capital. Olhai para a história e vereis que ele foi sempre determinante nas épocas em que a Igreja empreendeu as suas grandes reformas. Compartilhais também, segundo o carisma próprio de vosso instituto, a sua vontade de atingir realmente este mundo, novo sob tantos aspectos; não se trata de vos conformardes a ele, mas de o acolher, de o compreender e de o amar ao ponto de lhe anunciar Jesus Cristo, com a paciência evangélica e com os meios apropriados ao seu modo de compreender. Em cada uma das vossas dioceses, das vossas regiões e dos vossos países, os Bispos estão encarregados, com os conselhos presbiteriais e pastorais, de discernir as necessidades prioritárias, de orientar os esforços pastorais, e de os coordenar. Cada Instituto deve definir com exatidão a sua identidade pessoal, para se integrar neste serviço, com a sua vocação própria. Não se trata de fazer desaparecer a riqueza dos vossos carismas multiformes e tradicionais, num agrupamento autoritário ou num nivelamento empobrecedor. Todavia, cada um deve participar, com toda a disponibilidade, na missão da Igreja, de harmonia com o apostolado exercido no conjunto do Povo de Deus, sob a responsabilidade da Hierarquia. Recordai-vos sempre que a vossa “isenção” se refere, sobretudo, às estruturas internas das vossas congregações (10): nunca deve constituir um obstáculo para a realização de uma comunhão íntima, profunda, cordial, de sentimentos e de ação, com os vossos Bispos.

Queridos Filhos e queridas Filhas, há dias, ao celebrar a Missa em honra de São Lucas, pensamos em vós. Sois aqueles discípulos que o Senhor envia diante d’Ele. Pedimos ao Senhor da messe que vos dê numerosos companheiros e companheiras, com provada fidelidade. E parece-nos, desde já, que chegou o momento de uma retomada, em profundidade, da vida religiosa. Ide, pois, pelo mundo inteiro. Levai-lhe a paz de Cristo. Anunciai a Sua Boa Nova, com a vossa própria vida consagrada: “O Reino de Deus está próximo de vós” (11).

(10) Cfr. *Evangelica testificatio*, n. 50.

(11) *Lc* 10, 9.

Com Maria, voltai-vos para o Senhor, na ação de graças e com uma completa disponibilidade. E nós, de todo o coração, abençoamo-vos.

3. "De que tem mais necessidade a Igreja hoje?"

No dia 27 de setembro Paulo VI iniciava a habitual Audiência geral com estas palavras:

"Parece-nos que este encontro privilegiado da audiência semanal com os caríssimos visitantes, para nós representantes do Povo de Deus, isto é da santa Igreja de Cristo, encerre no seu silêncio introdutório uma pergunta de vossa parte: Como vai a Igreja? O que nos pode dizer o Papa a respeito? E uma outra pergunta de nossa parte: Conhecem estes visitantes as necessidades maiores e verdadeiras da Igreja? e, assim bons e bem dispostos, o que podem eles oferecer para satisfazer a essas necessidades?"

O Papa iniciava assim com seus visitantes um longo diálogo, que duraria dez audiências seguidas, com a finalidade de dar uma resposta a estas perguntas. Entre aquilo de que tem mais necessidade a Igreja hoje Ele elencou: a fé (18 de outubro), a vida interior (25 de outubro), a libertação do mal (15 de novembro) o vento de Pentecostes (29 de novembro).

Trazemos aqui por inteiro outras três respostas do Papa, particularmente sugestivas: A Igreja tem necessidades de santos (Audiência do dia 4 de novembro), tem necessidade de uma contínua renovação (8 de novembro), e de um autêntico estilo de vida cristã (22 de novembro).

a) A IGREJA TEM NECESSIDADE DE SANTOS

(Discurso de Paulo VI na Audiência do dia 4 de novembro de 1972).

A Igreja tem necessidade de santos. Quem compreendeu o que é a Igreja, sabe qual é a força lógica desta afirmação. Nós, que estamos embebidos, assim o cremos, da doutrina sobre a Igreja, que nos foi dada pela grande lição do recente Concílio, devemos, certamente, recordar que a santidade é uma *propriedade* da Igreja, ou seja, um seu misterioso modo de ser, que deriva da sua vocação de Povo de Deus,

de aliança que Deus estabeleceu com aquela parte da humanidade por Ele escolhida favorecida, santificada — esta é a palavra — e amada (12), que se chama Igreja, Esposa, Corpo Místico de Cristo, inexaurível sacramento, isto é, sinal e instrumento, de salvação. Devemos recordar também que a santidade é ao mesmo tempo e consequentemente uma *nota* da Igreja, ou seja, uma qualidade exterior, uma beleza reconhecível, um argumento apologético, apto a impressionar, histórica e socialmente, os homens que o consideram com olhar honesto e capaz de descobrir os valores espirituais (13), onde estes se encontram.

A Igreja, no pensamento de Deus, é santa, isto é, está associada a Ele, está animada pelo Seu Espírito e revestida de uma beleza transcendente, que deriva da harmonia das suas linhas construtivas, correspondentes ao desígnio divino, e, por isso, sagrada e sempre voltada, religiosamente, para o culto divino e para a observância da vontade de Deus (14). A Igreja é santa na sua natureza e nas verdades divinas que lhe foram confiadas e que são por ela ensinadas; é santa, especialmente nos seus sacramentos, por meio dos quais santifica os homens; na sua liturgia, na sua oração e na sua lei, isto é, na pedagogia com que orienta os homens pelos caminhos do Evangelho e os leva a viverem na caridade.

Esta santidade, que podemos denominar derivada, e até mesmo inteiramente passiva (15), dos membros que compõem a Igreja, isto é, dos homens, os quais, também na ordem da graça, permanecem livres, e até são convidados, ajudados e encorajados a fazer uso, bastante consciente e assíduo, da própria liberdade, ou seja, a cumprir em si mesmos o preceito, sumo e urgente, do amor a Deus, e aquele que lhe está unido, do amor ao próximo, com todos os deveres que, segundo as circunstâncias em que alguém se encontra, derivam destes preceitos.

A vida cristã não tolera a mediocridade

A santidade constitutiva da Igreja, deve corresponder a santidade, praticada, dos seus membros. Por outras palavras, não só a Igreja é santa por si mesma, mas nós, que lhe pertencemos e a compomos, de-

(12) Cfr. Ef 5, 26-27.

(13) Cfr. *Lumen Gentium*, n. 9.

(14) Cfr. S. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, I-II; q. 81, a 8.

(15) Cfr. DS 2201, ss.

vemos demonstrar que ela é santa também por nossa causa: nós, como indivíduos, como organismos e comunidades, devemos ser santos.

Esta necessidade, relativa às pessoas, deriva, no seu dever, de uma necessidade mais profunda, em ato, relativa à autenticidade interior: da santidade, como dissemos, própria da instituição eclesiástica. A nossa fidelidade à Igreja comporta também este plano de vida: devemos ser santos. O programa da vida cristã não tolera a mediocridade. É tremenda, a este respeito, aquela frase do Apocalipse, que diz: “Conheço as tuas obras: não és nem frio nem quente! Mas, como és morno, nem frio nem quente, vou vomitar-te” (16).

Os primeiros cristãos recebiam o nome de santos quando eram admitidos à comunhão eclesial de fé e de graça, e sabiam que deviam comportar-se como tais. Ainda hoje, nas novas comunidades missionárias, é cultivada esta mentalidade, que obriga a conformar o modo de viver com as exigências assumidas do novo estilo de vida, do estilo cristão.

Nesta altura, vêm espontaneamente estas perguntas:

— Como se pode impor um dever tão grave às pessoas deste mundo, das quais conhecemos a preguiça e até a inaptidão para os grandes ideais, especialmente para os ideais morais, que não estão a vagar nas especulações utópicas, mas exigem aplicações práticas e concretas na vida vivida; das quais conhecemos, igualmente, a fragilidade na coerência operativa e a ilusória felicidade de se deixarem levar pelas próprias paixões, e pelos estímulos do interesse e do prazer?

— A lei evangélica não é, porventura, condescendente com a fraqueza humana e não liberta do peso do juridismo e do moralismo?

Esta questão tão complexa e radical, exigiria uma longa resposta. Por agora, porém, responderemos muito sumariamente.

Não se exige a santidade dos milagres

Sim, a vida cristã liberta do peso de normas que são supérfluas para a perfeição, a qual consiste, substancialmente, na caridade (17), e denuncia a hipocrisia intolerável do farisaísmo (18). Não é, porém, partidária do laxismo; pelo contrário, é moralmente séria e severa. Leia-se, por exemplo, o sermão da montanha. A vida cristã tende a

(16) Apoc 3, 15-16.

(17) Cfr. Col 3, 14.

(18) Cfr. Mt 23.

uma perfeição que começa dentro do homem e que, por isso, empenha a orientação da liberdade, a partir das suas primeiras raízes, a partir do coração (19).

Mas devemos ter presente, primeiro que tudo, que a ação humana do cristão goza de um subsídio interior, maravilhoso e incalculável: a graça. Porventura, o Mestre não disse, para confortar os discípulos, amedrontados perante as exigências da moral evangélica: "... aos homens isto é impossível, mas a Deus tudo é possível" (20)? Este é o ponto capital para o discípulo de Cristo e para toda a doutrina e a prática da vida e da perfeição cristã, isto é, para a conquista da santidade.

A graça torna leve e suave o jugo de Cristo (21). A graça, que opera no espírito humano, multiplica-lhe as forças, ao ponto de tornar amável o sacrifício de si, a pobreza, a castidade, a obediência, a cruz.

Além disso, podemos acrescentar que a santidade que nos é requerida não é aquela dos milagres, ou seja, a dos fenômenos extraordinários, mas a da vontade, reta e firme, que procura, em todos os momentos ordinários da vida comum, a retidão lógica da busca da vontade divina.

É, precisamente, desta retidão que intendemos falar, mas contentamo-nos, simplesmente, com a afirmação de que ela constitui o testemunho cristão, de que tanto se escreve e se fala. É desta santidade que a Igreja hoje precisa: a apologia dos fatos, dos exemplos, das virtudes transparentes. Reconhecem-na também aqueles que nos circundam, atribuindo-a a Deus (22). É esta santidade, esta integridade de caráter cristão, que torna digna de aceitação, como hoje se diz, a mensagem da Igreja, também no nosso mundo, profano e muitas vezes hostil e corrompido.

Recomendamo-vos, cordial e calorosamente, filhos caríssimos, esta santidade, dando-vos a nossa Bênção Apostólica.

b) RENOVAÇÃO, PROCESSO VITAL DA IGREJA

(Discurso de Paulo VI na Audiência do dia 8 de novembro de 1972)

Falou-se de renovação da Igreja, O Concílio despertou em nós esta idéia, deu-nos esta esperança e deixou-nos este encargo. A pala-

(19) Cfr. Mt 15.

(20) Mt 19, 26.

(21) Cfr. Mt 11, 30.

(22) Cfr. Mt 5, 16.

vra “renovação” ainda hoje fala aos espíritos amantes da Igreja, para designar, com um só termo, as inúmeras necessidades desta instituição secular, que, sempre viva e coerente com a sua raiz, acolhe como impulso a linfa divina do Espírito Santo, que a impele continuamente para a explosão de uma nova Primavera. Sim, a Igreja tem necessidade de renovação (23).

Nem sempre foi retamente entendida essa palavra

Esta palavra “renovação” nem sempre foi interpretada justamente por todos. Para alguns ressoou como condenação do passado e licença para se afastarem dela, sem respeito pela sua função, vinculante e vital, de veículo dos princípios essenciais, dos quais vive a Igreja, sobretudo a sua fé e a sua constituição. Para outros pareceu que esta palavra autorizasse uma certa modificação dos elementos constitutivos da Igreja. Houve quem a interpretasse como abandono das estruturas institucionais, históricas, visíveis e exteriores, para que se conservasse, mais pura e mais eficiente, a sua seiva espiritual e carismática, esquecendo que a alma da Igreja, sem o corpo em que ela vive, já não poderia ser encontrada nem seria ativa, como disse, já no seu tempo, Santo Agostinho. Houve ainda quem pensasse em renovar a Igreja por meio da secularização, ou seja, modelando-a, algumas vezes sem discernimento, segundo as formas e as mentalidades da sociedade profana, como se esta, filha da história e do tempo, pudesse conferir à Igreja o ambicionado título de “moderna”.

Não se prestou, e ainda não se presta suficiente atenção a duas realidades. A primeira é que a renovação, processo vital e contínuo num organismo vivo, como a Igreja, não pode ser uma metamorfose, uma transformação radical, uma infidelidade aos elementos essenciais e perpétuos, cuja reforma deve consistir num fortalecimento e não numa mudança; a outra é que a desejada renovação é a interior, mais do que a exterior, à qual, com palavras sempre atuais, São Paulo nos exorta: “renoval espiritualmente a vossa inteligência.” (24).

Renovação é um programa permanente

Estas palavras são densas de significado e muito mais fáceis de serem pronunciadas do que de serem postas em prática. Como pode-

(23) Cfr. *Optatam Totius*, n. 1.

(24) Ef 4, 23.

remos traduzi-las? Deveis renovar a vossa mentalidade, em virtude da inspiração cristã, que vos é conferida pela graça, pela ação interior do Espírito Santo: deveis habituar-vos a pensar segundo a fé: deveis modelar o vosso juízo, especulativo e prático, segundo Jesus Cristo, segundo o Evangelho ou, como se costuma dizer, segundo a análise cristã. Deve-se ter uma mentalidade cristã, pensar segundo aquela concepção do mundo, da vida, da sociedade e dos valores presentes e futuros, que nos vem da Palavra de Deus. Não é uma empresa fácil, mas é o que se deve fazer. Esta reorganização do nosso modo global de sentir, de conhecer, de julgar e, portanto, de operar constitui o programa permanente de cada cristão fiel e da Igreja em geral. Trata-se de uma auto-reforma contínua. *Ecclesia semper reformanda*.

O fato de se viver no mundo, hoje tão expansivo e difusivo, tão agressivo e tentador, tão educado no conformismo, até quando faz contestações, exerce uma forte influência sobre a nossa personalidade; a norma dominante, especialmente nas novas gerações, segundo a qual devemos ser “gente do nosso tempo”, leva-nos a aceitar, forçosamente, as filosofias, ou seja, as opiniões correntes, e a regular a nossa espiritualidade interior, assim como o nosso comportamento exterior, segundo os carris do século, ou seja, do mundo que prescinde de Deus e de Cristo; são carris que facilitam grandemente a corrida, isto é, que proporcionam uma grande intensidade de vida, mas que, se refletirmos bem, nos privam da nossa originalidade, da nossa liberdade verdadeira e autônoma. Somos conformistas! Também a Igreja tem as suas tentações de conformismo. São Paulo adverte-nos: “Não vos conformeis com este século (compreendido, justamente, como ambiente de atmosfera infectada por idéias erradas ou privadas de luz cristã), mas transformai-vos pela renovação da vossa mente” (25). Reivindica a vossa liberdade de viver segundo “a vontade de Deus” (26), segundo a caridade que o Espírito efundiu na vossa alma cristã (27). A este propósito, deve-se recordar: “onde está o Espírito do Senhor há liberdade” (28).

Que trabalho e que fadiga exige a renovação interior! Haverá quem esteja disposto a modificar a sua maneira de pensar, a purificar a cela interior das próprias imaginações, das próprias ambições, das

(25) Rom 12, 2.

(26) *Ibidem*.

(27) Cfr. Rom 5, 5.

(28) 2 Cor 3,17; cfr. Jo 8, 2.

próprias paixões? E, apesar disso, o Senhor exorta-nos, inúmeras vezes, a esta renovação interior! (29). O Concílio também faz este convite, a cada um de nós e a toda a Igreja junta; e é isso o que, com a ajuda de Deus, ela está a fazer. Renovação, portanto, equivale a purificação.

Um critério formidável de renovação

Não gostaríamos, porém, dado devermos terminar aqui as nossas breves palavras, que ficásseis com uma impressão puramente negativa a propósito da renovação de que a Igreja tem necessidade. Há um modo de ver positivo, que merece a nossa atenção; é, por exemplo, o que provêm da preparação do cristão moderno (é aqui que nos parece estar colocada esta classificação), para descobrir o bem, onde quer que ele esteja, desde que seja realmente o bem, segundo o juízo cristão. Uma nova e franca atitude, em relação aos valores naturais, terrenos, históricos, constitui um dos aspectos característicos do Concílio. Em boa parte, devemos isto ao coração humano, sereno e bondoso, de João XXIII. Foi deste modo que se deu maior importância ao ecumenismo, ao respeito pelas religiões não-cristãs, pelos nossos próprios adversários, pelos valores da atividade humana, etc. (30). Saber entrever em cada homem uma imagem do Cristo, um irmão que se deve respeitar, servir e amar não é, porventura, um critério excelente para a renovação de que a Igreja e o mundo têm necessidade? Ver um segredo de bondade divina em cada sofrimento, um coeficiente de progresso pessoal ou coletivo em cada acontecimento (31) não equivale, por acaso, a abrir uma fonte prodigiosa de otimismo e, portanto, de renovação para o coração, velho, cansado e desiludido, do homem? Além disso, o fato de ter reacendido a esperança escatológica no nosso pensamento hodierno de mortais não significa, talvez, infundir um sentido, um impulso de novidade no tempo presente e futuro?

“Ecce nova facio omnia”; vede: “Eu renovo todas as coisas” (32)! São palavras do Senhor, é uma necessidade da Igreja e um compromisso de todos!

Damo-vos a nossa Bênção Apostólica.

(29) Cfr. Mt 15, 18-20.

(30) Cfr. *Gaudium et Spes*, n. 34.

(31) Cfr. Rom 8, 20.

(32) Apoc 21, 5; 2 Cor 5, 17.

c) O AUTÊNTICO ESTILO DE VIDA CRISTÃ

(Discurso de Paulo VI na Audiência do dia 22 de novembro de 1972)

Um desejo arde sempre no coração da Igreja, como uma lâmpada que não se apaga, um desejo comum da Igreja como Povo de Deus e como consciência pessoal de cada um dos membros deste Corpo Místico de Cristo; um desejo que compenetra inteiramente a psicologia dos seguidores do Senhor Jesus, integrando todos os propósitos e todos os programas de reforma e de renovação, o desejo de se revestir de um autêntico estilo cristão.

Dizer estilo é pouco, porque este termo se refere ao aspecto externo de uma realidade. Mas, no nosso caso, a palavra estilo significa o resultado de um espírito inferior, a autenticidade visível de uma ordem moral, a expressão de uma mentalidade, de uma concepção da vida, de uma coerência e de uma fidelidade, que se alimentam das raízes da personalidade profunda e vital de quem se manifesta no seu próprio estilo.

Há um antigo provérbio que diz: o hábito não faz o monge. É verdade. Mas o hábito, por si, deve qualificar individual e socialmente aquele que se professa monge. Pode, é claro, disfarçá-lo e revesti-lo de hipocrisia (33), fazendo-o recitar um papel fictício que não o define intimamente, como o artista no teatro. Mas a intenção estilística do hábito visa não só a indicar, por meio do aspecto exterior, quem é a pessoa que o veste, mas também a manifestar a consciência interior de quem esta pessoa deve ser.

É uma exigência do Concílio

Com respeito ao que neste momento nos interessa, repetimos que a Igreja e cada um dos fiéis devem ter um estilo de vida conforme com a fé que professam. Muitas vezes dissemos, com as palavras de São Paulo, que o homem justo, isto é, o cristão verdadeiro vive a própria vida, haurindo na fé a energia e o critério da sua autenticidade (34). Além de uma "forma" nova, interior, original e sobrenatural de vida, isto comporta uma certa efusão desta interioridade, uma certa visibilidade exterior. O próprio Concílio, ao reavivar no coração

(33) Cfr. Mt 15, 7-8.

(34) Cfr. Rom 1, 17.

da Igreja e dos fiéis que a compõem os dons divinos da verdadeira religião, vinda do céu, visava também a infundir na mesma Igreja um maior grau de evidência, chamando-lhe “sacramento visível” da união com Deus (35), da unidade salvífica (36) e até da própria salvação (37). Por meio do Concílio, a Igreja manifestou o desejo de se tornar mais reconhecível, mais luminosa, mais estilizada segundo os seus próprios cânones e de se conformar mais vitalmente com o costume delineado e requerido pela sua vocação evangélica.

Conseguiu um bom resultado este esforço de fazer com que a Igreja aparecesse mais conforme com o estilo, com o costume requerido pela sua vocação? A Igreja transformou-se, ou melhor, reformou-se, segundo as exigências renovadoras do Concílio? Parece que podemos responder afirmativamente, tendo presentes as inúmeras iniciativas positivas que foram realizadas na Igreja ou que ainda o serão, quando estiverem suficientemente preparadas, exatamente com este propósito epifânico de autenticidade e de credibilidade. Devemos dizê-lo para o louvor e o encorajamento daqueles seus filhos e daquelas suas instituições que rezaram, trabalharam, sofreram com bom espírito, nestes dez anos que seguram a abertura do Concílio, precisamente com a intenção de oferecer à Igreja orientações que melhor correspondessem à sua instituição originária, à sua coerente tradição e à sua presente missão.

Mas não podemos deixar de dizer que se verificaram neste período outros fenômenos que nem sempre podem ser integrados no plano preestabelecido de dar simplesmente ou de dar novamente à Igreja e de conservar nela aquele estilo puro, esplêndido e nupcial (38) de que ela se deve revestir, especialmente no nosso tempo, para ser como deve ser, isto é, amante daquele Cristo que a amou ao ponto de dar a Sua vida por ela.

Nem sempre foram bem interpretados e bem aplicados aqueles dois ótimos princípios, propostos autorizadamente pelo Concílio e que até agora mantêm o seu valor: o da atualização, isto é, da própria renovação, e o da integração na afanosa e fermentante vida do mundo contemporâneo. Nalguns ambientes, a figura ideal da Igreja não se reformou nem se renovou, mas, pelo menos conceituadamente, ficou deformada.

(35) *Lumen Gentium*, n. 1.

(36) Cfr. *Ibid* 9.

(37) Cfr. *Ibid* 48; *Gaudium et Spes*, n. 45; *Ad Gentes*, n. 5.

(38) Cfr. *Ef* 5, 27.

A "Igreja sem"

Brilhou para alguns espíritos inquietos e para muitas pessoas que não possuíam suficiente cultura a fórmula mais ou menos radical da "Igreja sem". Trata-se, aliás, de uma fórmula que tem a sua história. Serviram-se dela abundantemente, no decurso dos séculos, as heresias e os cismas.

Procurou-se, por exemplo, construir uma Igreja sem dogmas difíceis, eliminando do tesouro da fé os mistérios do Pensamento divino e reduzindo as realidades da religião revelada à dimensão do cérebro humano. É um processo de adaptação que infelizmente continua, em várias partes, a esvaziar a doutrina católica do seu conteúdo e da sua certeza. Surgiu, ao lado deste primeiro tipo de Igreja, outra Igreja sem autoridade de magistério e de governo, como se fosse libertada e tornada acessível a todos os que a desejassem puramente espiritual e indiferente a preceitos morais objetivos e sociais. E, assim, desejou-se uma Igreja fácil, sem configurações hierárquicas nem jurídicas, uma Igreja sem obediência nem normas litúrgicas, uma Igreja sem sacrifício. Mas o que vem a ser uma Igreja sem a Cruz?

Sim, há quem pense que é possível contentar-se de Cristo, sem assumir a obrigação de contemplar a Sua cruz, de admitir a Sua ressurreição e até de entrar na experiência sacramental e moral da nossa participação neste mistério pascal e central de morte e de vida sobrenatural.

Há também quem pense em suprir o imenso vazio, denunciado pelo resíduo desta espiritualidade, sem uma redenção verdadeira e existencial, com a adoção de outro tipo de "sem", isto é, eliminando da própria vida toda a espécie de barreira, toda a distinção do mundo profano, sem fé, sem esperança, sem caridade, sem um costume digno e forte, confiando nas ideologias alheias e servindo-se ainda, em certa medida, do tesouro de sabedoria humana do Evangelho, para fazer do homem, de si próprio, da própria personalidade e da mesma sociedade, o ideal e até o ídolo orientador dos processos mentais e civis da vida. Mas, sem Deus, que vida pode subsistir?

Conservemos, filhos e irmãos caríssimos, o desejo de uma vida modelada segundo o estilo cristão. Este estilo nem sempre é fácil. É exigente, algumas vezes é incômodo, e, como sabemos, nem sempre está na moda. Tende presente, porém, uma verdade: este estilo não deve ser julgado só pelo que tira, mas sim pelo que dá. E, como está esculpido em nós pela lei do sacrifício, pela lei da cruz, recordai, ou

melhor, experimentai em vós mesmos o paradoxo próprio do estilo cristão, que consiste numa singular fusão da atenuação e do impulso, da moderação e da vitalidade, do sofrimento e da alegria, simultaneamente. A vida presente encontra neste estilo a sua expressão mais alta e mais completa: “Transbordo de gozo em todas as nossas atribuições” (39).

Que Deus nos ajude a imprimir na nossa vida moderna um estilo novo, doce e austero, o estilo cristão.

Damo-vos a nossa Bênção Apostólica.

(39) 2 Cor 7, 4.

VII. NECROLOGIA

Padre Leandro Altoé

* em Jaciguá (Espírito Santo-Brasil) aos 7-4-1940, † no Rio de Janeiro (Brasil) aos 15-11-1972 com 32 anos, 14 de prof., 5 de sacerdócio.

Foi salesiano cheio de atividades apostólicas. Com o seu dinamismo de sacerdote novo animava o setor escolar, controlava a disciplina, mantinha o contato com todos os pais quer no ambiente do colégio quer nas bem conduzidas reuniões coletivas. Em apenas três anos, com seu incansável trabalho soube dar um incremento vigoroso à obra salesiana de Rocha Miranda. Cumprindo um dever de obra de misericórdia, um fatal incidente rodoviário truncou-lhe a vida.

Padre César Baldasso

* em Arcade (Trevio-Itália) aos 27-1-1899, † em Pordenone (Itália) aos 11-11-1972 com 73 anos, 56 de profissão, 48 de sacerdócio.

Nos longos anos de ensino granjeou a estima e afeto dos seus muitos alunos. Sensibilíssimo, participava das alegrias e das dores dos que se lhe avizinham no seu ministério pastoral e na escola. Foi apreciado pregador e confessor. Com um "sim, Pai" enfrentou a dura doença que pôs fim à sua laboriosa existência terrena.

Padre Ernesto Berta

* em Avigliana (Turim-Itália) aos 29-12-1884, † em Genzano (Roma-Itália) aos 3-12-1972 com 87 anos, 71 de profissão, 63 de sacerdócio. Foi diretor por 27 anos e 6 inspetor.

Nasceu de uma família profundamente cristã, abençoada por Deus com o presente de seis vocações (três sacerdotes e três freiras). Orgulhava-se de ser aparentado com o padre Alasonatti e comprazia-se dessa afinidade sublinhando a fidelidade de sua família a Dom Bosco. Dedicou sem reservas a sua vida aos jovens e aos pobres, aos quais (especialmente durante a última guerra, como Inspetor) abriu gene-

rosamente os Institutos de Roma. Uma concelebração de 50 sacerdotes nos seus funerais diz bem da estima e gratidão dos confrades para com o sacerdote e educador exemplar.

Padre Antônio Cavoli

* em Marignano (Forlì-Itália) aos 6-8-1888, † em Tóquio-Suginami-Ikuei (Japão) aos 22-11-1972 com 84 anos, 50 de profissão, 58 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos.

Era capelão militar na primeira guerra mundial, aos 33 anos fez-se salesiano, e quatro anos depois partiu com a primeira expedição missionária para o Japão. De caráter forte e exuberante e de profunda espiritualidade, trabalhou por 25 anos na zona de Miyazaki. Aí fundou uma congregação de irmãs indígenas, chamadas “Irmãs da Caridade de Miyazaki” que continuam o trabalho e a missão de S. Vicente de Paulo em favor dos velhos, pobres e órfãos. Passou os últimos dez anos imobilizado no seu leito, rezando e oferecendo o seu sofrimento pelas suas “filhas” e pelos salesianos.

Padre Pedro Conconi

* em Genebra (Suíça) em 1-9-1911, † em Genebra aos 25-5-1972 com 60 anos, 41 de profissão e 32 de sacerdócio. Foi diretor por 15 anos e 5 delegado inspetorial pela Suíça.

Homem de grandes dotes espirituais e humanos, ótimo formador de vocações, primeiro como “sócio assistente” e depois como Mestre arrastava com o seu entusiasmo os noviços ao amor pela missão educativa salesiana. Transferindo para Morges, potenciou o centro educativo de La Longeraie, fazendo dele um modelo. Profundamente apegado à Congregação, ele a queria na vanguarda do progresso. Foi o homem do diálogo, sensível ao mistério do encontro com os outros. O seu sorriso, a sua voz, as suas maneiras acolhedoras conquistaram-lhe muitas amizades, profundas e límpidas.

Padre Antônio Dal Pos

* em San Fior di Sotto (Treviso-Itália) aos 21-5-1906, † em Bahía Blanca (Argentina) aos 10-11-1972 com 66 anos, 48 de profissão, 39 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos.

Partiu muito jovem para as missões da Patagônia, onde trabalhou com grande zelo sacerdotal. Com a força da sua personalidade cheia

de amabilidade e disponibilidade rodeou-se de muitos amigos e fez dessa sua capacidade de amizade um instrumento de apostolado.

Coad. Henrique Fiffi

* no Rio de Janeiro (Brasil) aos 5-2-1890, e † aí mesmo aos 26-11-1972 com 82 anos, 58 de profissão.

Muito empenhado no apostolado dos oratórios festivos, em que trabalhou por 53 anos consecutivos. Preparou milhares de meninos para a primeira comunhão, dando-lhes uma formação profundamente cristã. Firmeza, bondade e constância eram as suas características.

Padre Anacleto Gallo

* em Grancona (Vicenza-Itália) aos 21-10-1892, † em Lugano (Ticino-Suíça) aos 10-8-1972 com 79 anos, 63 de profissão, 53 de sacerdócio. Foi diretor por 10 anos.

Um salesiano seu ex-aluno deixou dele este testemunho: “Levou a dignidade do seu sacerdócio como um hábito real, na pureza adamantina do seu coração, enquanto que no serviço aos jovens e ao povo trazia sempre o traje humilde do operário que não dá sujeição”. Deixou-se tranqüilamente absorver pelas múltiplas exigências de todo apostolado: cátedra e pátio, púlpito e confessionário, obras sociais e de pacificação. Recorda-se a sua dedicação sobretudo durante os anos em que foi diretor do oratório, assistente do Círculo S. José e cura da Paróquia.

Padre André Goga

* em Chrabrany (Eslováquia) aos 9-11-1914, † em Táriba (Táchira-Venezuela), aos 10-9-1972 com 57 anos, 39 de profissão, 30 de sacerdócio.

Modelo de homem, de religioso, de sacerdote, de cientista e de incansável trabalhador, deixa de si uma lembrança indelével de milhares de ex-alunos, amigos e conhecidos. Continua a sua obra de educador nato, através de vários livros escolares que escreveu para o curso científico e que são o fruto da sua profunda preparação. A sua diligente operosidade o acompanhou até à morte, que chegou imprevista, mas não inesperada. Os irmãos sentem a perda do salesiano delicado, justo, serviçal e piedoso.

Coad. Miguel Iwata

* em Kuroshima (Nagasaki-Japão) aos 3-10-1916, † em Tóquio-Chofu aos 9-10-1972 aos 36 anos, 15 de profissão.

Ferido gravemente durante a segunda guerra mundial e ficando 40 dias em coma, recuperou-se milagrosamente. Entrou na Congregação em idade já adulta. Sempre se distinguiu pela sua fé simples, grande humildade e completa disponibilidade. Trabalhou até o último instante nos lugares mais humildes, tornando-se útil na lavoura e na cozinha. Foi exemplar em tudo por sua observância religiosa e por sua laboriosidade que não encontrou obstáculos nem sequer na saúde precária.

Padre Vitor Kolmer

* em Schirrhein (Bas-Rhin-França) aos 14-8-1888, † em Estrasburgo (Bas-Rhin-França) aos 30-10-1972 com 82 anos, 67 de profissão, 58 de sacerdote. Foi diretor por 27 anos.

Foi um dos principais artífices das Obras salesianas na Alsácia. Fundou sucessivamente o colégio de Landser, a paróquia S. João Bosco em Mulhouse, a de Estrasburgo e a Casa do estudante da mesma cidade. Durante toda a vida dedicou uma parte importante do seu tempo à imprensa salesiana e a uma frutuosa correspondência epistolar. Distinguiu-se por um profundo espírito religioso, pelo trabalho indefesso, pela abertura aos jovens e à renovação da Igreja.

Padre João Korff de Gidts

* em Aia (Holanda) aos 4-10-1922, † em Rijswijk (Holanda) aos 20-9-1972 com 49 anos, 24 de profissão, 26 de sacerdócio.

Dedicou vários anos de seu sacerdócio ao apostolado da juventude operária como diretor da escola profissional em Amersfoort. Em seguida foi por oito anos incansável ecônomo da Inspeção Holandesa. Os que privaram com ele falam da sua fidelidade, do seu amor à Congregação, do seu sentido de justiça e sobretudo do seu ânimo sacerdotal. Morreu provado por longo e duro sofrimento.

Padre Roberto Marschner

* em Königswalde (Áustria) aos 8-12-1900, † em Radkersburg (Graz-Áustria) aos 28-5-1972 com 71 anos, 52 de profissão, 44 de sacerdócio. Foi diretor por 14 anos.

Foi salesiano responsável e entusiasta da sua missão a serviço dos jovens. Foram-lhe confiadas incumbências de grandes responsabili-

dades como diretor e pároco. Nos últimos três anos ofereceu ao Senhor os seus muitos sofrimentos pela casa de Gras, dando exemplo de confiante resignação à vontade de Deus

Padre José Martins

* em Campina Grande (Paraíba-Brasil) aos 9-8-1899, † em São Paulo (Brasil) aos 31-10-1972 com 73 anos, 50 de profissão, 38 de sacerdócio.

Foi bom religioso, educador ativo, responsável e amigo dos seus alunos. Era de poucas palavras, de muitos fatos e calma constante. De uma grande delicadeza para com todos. A sua aula era séria e a disciplina suave. Tornava agradável aos alunos a liturgia que preparava com belas funções, e às vezes grandiosas, com grande número de coroinhas. Honrou e fez honrar N. S. Auxiliadora, e amou Dom Bosco com a fidelidade concreta às Constituições. Ultimamente teve que sofrer muito em razão de uma paralisia parcial com outras complicações, mas tudo suportou resignado com um sorriso inimitável que não deixava transparecer o sofrimento.

Padre Francisco Malé

* em Tórtóles de Esgueva (Burgos-Espanha) aos 9-8-1896, † em Madri (Espanha) aos 5-9-1972 aos 76 anos, 57 de profissão, 46 de sacerdócio. Foi diretor por 4 anos.

Salesiano entusiasta e jovial, amou a Congregação e a serviu com dedicação e simplicidade também em incumbências de responsabilidade. Prefeito por 20 anos em diversas casas, prestou aos seus irmãos salesianos um serviço precioso sobretudo no período após-guerra, quando as dificuldades graves do momento puseram à prova o seu espírito de sacrifício. Sempre disponível e comunicativo, aceitou a realidade da morte com grande espírito de fé.

Padre João Mac Tague

* em Liverpool (Inglaterra) aos 4-8-1892, † em Farnborough (Inglaterra) aos 3-10-1972 com 80 anos, 63 de profissão, 53 de sacerdócio.

A música foi a paixão desse bom sacerdote, e ao mesmo tempo ela foi o seu meio de apostolado. Quase toda a vida ensinou música em nossas escolas e cuidou do canto litúrgico em nossa paróquia. De

temperamento antes tímido, preferia o trabalho escondido da aula. Foi encontrado morto em seu leito, sem que tivesse aparentemente sofrido alguma doença.

Padre João Henrique Neale

* em Londres (Inglaterra) aos 12-6-1916, † em Melbourne (Austrália) aos 7-10-1972 com 56 anos, 30 de profissão, 19 de sacerdócio. Foi diretor por 5 anos.

Dotou-o o Senhor de muitos talentos naturais, que coube desfrutar especialmente nos longos anos em que foi ecônomo inspetorial. Interessava-se profundamente pelos pobres e jovens abandonados, e por muito tempo prestou assistência espiritual nos cárceres de Pentridge. Tinha plena confiança na nova geração de Salesianos, e dizia frequentemente: “Deixai fazer os jovens, o mundo hoje lhes pertence”. Tomado por um tumor, suportou com fortaleza e serenidade o mal que o levou para a tumba.

Coad. Aleixo Nellishery

* em Trichur (Kerala-Índia) aos 6-10-1941, † em Cochim (Kerala-Índia) aos 28-8-1972 com 30 de idade, 9 de profissão.

Coadjutor alegre e entusiasta, apegado à Congregação e satisfeito da sua vocação religiosa, tinha sempre o sorriso nos lábios. Porejava brio e entusiasmo por onde fosse. Queria bem a todos e de todos era querido. A sua morte foi imprevista, mas não o achou imprevisto: Cristo o esperava numa curva da estrada quando voltava para casa após ter feito o retiro espiritual trimestral.

Dom Marcelino Olaechea

* em Baracaldo (Vizcaya-Espanha) aos 9-1-1889, † em Valência (Espanha) aos 21-10-1972 com 83 anos, 67 de profissão, 60 de sacerdócio. Foi diretor por 7 anos, Bispo de Pamplona desde 1935, Arcebispo de Valência desde 1946, e demissionário desde 1966.

Voltou para a casa do Pai o primeiro Bispo salesiano espanhol. Primeiro foi conselheiro escolar, depois fundador-diretor, em seguida com apenas 32 anos inspetor. Mais tarde visitador pontifício dos seminários diocesanos da Espanha, após Bispo de Pamplona e final-

mente de Valência. Em toda a parte venerado e estimado por sua bondade e amor aos humildes. Dom Lahiguerra, Bispo de Valência, na homilia dos funerais diante de uma imensa multidão de fiéis pôs em relevo a sua fidelidade à Igreja e a Dom Bosco, o seu amor filial a N. Senhora, o seu “apostolado da Hóstia grande (Congressos eucarísticos) e da Hóstia pequena (comunhão freqüente)”. Tinha o dom incomparável da amizade. Todos queriam colaborar com ele. Destarte pôde realizar muitas iniciativas no plano religioso e social, em particular a favor dos pobres e abandonados. Expressara no testamento o desejo de ser sepultado sem grande concurso de povo, e no túmulo dos salesianos. Ao invés, os seus funerais foram um plebiscito. Os seus despojos mortais descansam na catedral, na capela dedicada a S. Tomás de Vilanova seu predecessor na sede episcopal de Valência.

Padre Manuel Angelo Pisano

* em Buenos Aires (Argentina) aos 30-5-1900, † aí mesmo aos 31-8-1972 com 72 anos, 55 de profissão, 46 de sacerdócio. Foi diretor por 16 anos.

Sua constante aspiração foi o sagrado ministério, ao qual se dedicou com todas as forças. Foi professor, conselheiro escolar, catequista e diretor em diversas casas. Foi também pároco, empenhado no progresso espiritual e na promoção social dos seus fiéis. À missão pastoral dedicou com muito fervor as suas qualidades de inteligência e a sua forte personalidade. “Sacerdote e Salesiano” foi o esplêndido binômio que propôs realizar com a ajuda paterna de Dom Bosco.

Padre Carmelo Pitrolo

* em Scicli (Siracusa) Itália aos 5-12-1885, † em Módica Alta (Itália) aos 16-11-1972 com 86 anos, 67 de profissão, 58 de sacerdócio.

Gastou quase toda a sua vida no apostolado juvenil-popular. Músico, poeta, professor de francês e letras, pôs a serviço dos alunos mais pobres e dos aspirantes à vida salesiana esses seus talentos. Trabalhou em várias casas da Inspetoria Romana e Sícula, e especialmente em Módica, onde ficou 40 anos e soube atrair muitas simpatias à Obra salesiana. Foi apreciado diretor espiritual, procurado por sacerdotes à Obra salesiana. Foi apreciado diretor espiritual, procurado por numerosos fiéis.

Padre Guilherme Renshaw

* em Cleator Moor (Cumberland-Inglaterra) aos 13-4-1919, † em Cherstey (Inglaterra) aos 9-10-1972 com 53 anos, 31 de profissão, 21 de sacerdócio.

Exerceu o seu apostolado na aula, em que se salientou no ensino das matérias técnico-profissionais. Homem de vida espiritual simples, todo dedicado às aulas, podemos dizer que morreu na brecha: foi colhido por uma apoplexia enquanto dava aula.

Padre Luís Ripula

* em S. José (Misiones-Argentina) em 1.º de setembro de 1920, † em Corrientes (Argentina) aos 27-11-1972 com 52 anos, 34 de profissão, 24 de sacerdócio.

De profundo espírito salesiano, foi diligente assistente, sempre com os seus rapazes, apesar da precária saúde. Desenvolveu com sentido de responsabilidade as tarefas educativas que lhe confiaram, sempre visando ao bem da Casa e da Congregação. Foi também confessor constante e zeloso.

Padre Amadeu Rodinó

* em Gioiosa Ionica (Reggio Calabria-Itália), † em Roma - Casa Geral aos 4-11-1972 com 69 anos, 53 de profissão, 44 de sacerdócio.

Foi colega de estudos do Reitor-Mor. Brillhante escritor, foi diretor da revista "L'Amico della gioventù", que anos atrás entre a juventude estudantil italiana obteve notável êxito. Chamado para Turim em 1955 a fim de dirigir o Secretariado da Imprensa Salesiana, ocupou o cargo por 17 anos, trabalhando com competência e espírito de sacrifício. Multiplicava o seu tempo sobretudo nas circunstâncias alegres da família Salesiana, como a canonização de Domingos Sávio, o sesquicentenário do nascimento de Dom Bosco, a beatificação do Padre Miguel Rua. No dia 29 de outubro passado, já no hospital, obteve dos médicos a licença de assistir na Basílica de S. Pedro ao rito pela Beatificação do Padre Miguel Rua. Dois dias depois submeteu-se a uma operação que lhe foi fatal. Expirou enquanto com outro salesiano rezava o Angelus da manhã.

Padre Miguel Suppo

* em Pianezza (Turim-Itália) aos 20-10-0902, † em Hong Kong aos 13-11-1972, com 70 anos, 47 de profissão, 41 de sacerdócio. Foi diretor por 12 anos.

Trabalhou muito tempo e frutuosamente na sua querida China. Ocupou cargos importantes em diversas casas, e dotado de grandes qualidades de mente e de coração, usou-as todas para a construção do Reino de Deus. Ao advento dos comunistas na China teve que aturar uma dura prisão, que lhe minou a saúde. Mal recuperada a liberdade, começou a dedicar-se com surpreendente energia ao trabalho de consolidação e expansão da nova obra salesiana em Hong Kong, Taiwan, Vietnã. A sua prudência, juízo equilibrado, grande fé e habilidade não comuns de organização e administração, fizeram com que ele levasse a bom termo incumbências por vezes muito difíceis.

Padre José Trisoglio

* em Lu Manferrato (Alexandria-Itália) aos 13-12-1912, † em Lima (Peru) aos 23-8-1972 com 59 anos, 43 de profissão, 33 de sacerdócio. Foi diretor por 9 anos.

Inteligente e generoso, soube granjear a simpatia de todos com o trato delicado, respeitoso e paterno que o distinguem. No ministério sacerdotal foi um bom conselheiro e pregador eficaz da Palavra de Deus. Foi trabalhador incansável e sacrificado, todo entregue aos seus alunos durante os 35 anos de professor. A sua obediência religiosa foi às vezes sofrida, mas sempre vivida com autêntico espírito sobrenatural e com uma serenidade externa surpreendente.

Coad. Agostinho Venturini

* em Bagnolo di Sopra (Pádua-Itália) aos 13-11-102, † em Turim (Itália) aos 6-11-1972 com 70 anos, 47 de profissão.

Faleceu em seguida de um acidente de automóvel voltando de um retiro trimestral. Fez consistir a sua consagração na oração, no trabalho e no desejo ininterrupto do céu. Era seu orgulho ter servido fielmente a dois bispos salesianos (Dom João Lucato em Derna e Dom Miguel Arduino, então pároco de Maria Auxiliadora), e por ter vivido longos anos à sombra da Basílica de N. S. Auxiliadora, dando todo a si mesmo para o decoro da Casa de Nossa Senhora. Foi muito pobre e amigo dos pobres.

Padre Francisco Vogrincic

* em Cankova (Eslovênia-Jugoslávia) aos 14-11-1895, † em Kapela (Eslovênia-Jugoslávia) aos 18-11-1972 com 77 anos, 57 de profissão e 47 de sacerdócio. Foi diretor por 13 anos.

Possuía três qualidades de autêntico filho de Dom Bosco: irradiava otimismo e alegria, nos acontecimentos prósperos e adversos; amava os jovens e doentes (para os quais nenhuma hora era tardia e nenhum caminho demasiado longo); dava o catecismo com muita alegria e extraordinária eficácia. Nos últimos anos era confessor procurado. E quando não pôde fazer mais nada, consagrou o seu tempo à oração.

Padre Guilherme Wasel

* em Berrendorf (Renânia-Alemanha) aos 31-5-1884, † em Sanners (Alemanha) aos 4-10-1972 com 88 anos, 63 de profissão, 51 de sacerdócio. Foi diretor por 12 anos.

Nascido de família numerosa, teve uma juventude difícil. Primeiro ajudou o pai nas canseiras da lavoura no campo, depois já adulto foi encaminhado para o estudo pelo seu pároco. Entrou em seguida no colégio de Penango, primeiro seminário para salesianos alemães. Acabados os estudos, e feito o serviço militar na guerra, foi para o Pampa a fim de prestar assistência aos imigrantes alemães, para os quais trabalhou com zelo e paciência. Regressando para a Alemanha, trabalhou em diversas casas, até que não o surpreendeu uma enfermidade que ele suportou por anos e anos com grande força de ânimo. Por fim disse presente à chamado do Pai.

Cad. João Zanovello

* em Legnano (Verona-Itália) aos 6-2-1896, † em Treviglio (Bergamo-Itália) aos 28-9-1972 com 76 anos, 54 de profissão.

Era uma “instituição” no colégio de Treviglio, onde passou toda a sua vida de salesiano. Educador de centenares de jovens, amigo de tantas crianças, servia-se do teatro como meio de educação. Foi pobre como o são os verdadeiros pobres, mas rico de muitas virtudes humanas que distribuiu em abundância a quem quer que encontrasse pelo caminho. Muito devoto de N. S. Auxiliadora, infundia esse amor a todos. Ultimamente passava os seus dias em profundo recolhimento interior.

4.º elenco 1972

N.º	Sobrenome e Nome	Lugar do Nascimento	Data do Nasc. e Morte		Lugar da Morje	Insp.	
155	Sac. ALTOE' Leandro	Jaciguá (BR)	7-04-1940	15-11-1972	32	Rio de Janeiro (BR)	BH
156	Sac. BALDASSO César	Arcade (I)	27-01-1899	11-11-1972	73	Portenone (I)	Vn
157	Sac. BERTA Ernesto	Avigliana (I)	29-12-1884	3-12-1972	87	Genzano (I)	Ro
158	Sac. CAVOLI Antônio	Marignano (I)	6-08-1888	23-11-1972	84	Tokyo (Japão)	Gp
160	Sac. DAL POS Antônio	Genebra (CH)	1-09-1911	25-05-1972	60	Genebra (CH)	Pr
160	Sac. DAL POS Antônio	S. Fior di Sotto (I)	21-05-1906	30-11-1972	66	Bahía Blanca (RA)	BB
161	Coad. FIFFI Henrique	Rio de Janeiro (BR)	5-02-1890	26-11-1972	82	Rio de Janeiro (BR)	BH
162	Sac. GALLO Anacleto	Grancona (I)	21-10-1892	10-08-1972	79	Lugano (CH)	No
163	Sac. GOGA André	Chrabrany (CS)	9-11-1914	10-09-1972	57	Táriba (VZ)	Vz
164	Coad. IWATA Miguel	Kuroshima (Japão)	3-10-1916	9-10-1972	56	Tokyo-Chofu (Japão)	Gp
165	Sac. KOLMER Vítor	Schirrhein (F)	14-08-1888	30-10-1972	84	Strasbourg (F)	Ly
166	Sac. KORFF de GIDTS João	Aja (NL)	4-10-1922	20-09-1972	49	Rijswijk (NL)	OI
167	Sac. MARSCHNER Roberto	Königswalde (A)	8-12-1900	28-05-1972	71	Radkersburg (A)	Au
168	Sac. MARTINS José	Campina Grande (BR)	9-08-1899	31-10-1972	73	S. Paulo (BR)	SP
169	Sac. MATE Francisco	Tórtoles de Esg (E)	9-08-1896	5-09-1972	76	Madrid (E)	Ma
170	Sac. McTAGUE João	Liverpool (GB)	4-08-1892	3-10-1972	80	Farnborough (GB)	Ig
171	Sac. NEALE João Henrique	Londres (GB)	12-06-1916	7-10-1972	56	Melbourne (AUS)	At
172	Coad. NELLISHERY Aleixo	Trichur (Índia)	6-10-1941	22-08-1972	30	Cochin (Índia)	Mr
173	Mons. OLACHEA Marcelino	Baracaldo (E)	9-01-1889	21-10-1972	83	Valência (E)	—
174	Sac. PISANO Emanuel	Buenos Aires (RA)	30-05-1900	31-08-1972	72	Buenos Aires (RA)	BA
175	Sac. PITROLO Carmelo	Scicli (I)	5-12-1885	26-11-1972	53	Chertsey (GB)	Ig
176	Sac. RENSEHAW Guilherme	Cleator Moor (GB)	13-04-1919	9-10-1972	52	Corrientes (RA)	Rr
177	Sac. RIPULA Luís	S. José (RA)	1-09-1920	27-11-1972	86	Modica Alta (I)	Sc
178	Sac. RODINO Amadeu	Giolosa Ionica (I)	5-05-1903	4-11-1972	69	Roma (C. Generalizia)	—
179	Sac. SUPPO Miguel	Planezza (I)	20-10-1902	13-11-1972	70	Hong Kong	Ci
180	Sac. TRISOGLIO José	Lu Monferrato (I)	13-12-1912	23-08-1972	59	Lima (PE)	Pe
181	Coad. VENTURINI Agostinho	Bagnoli di Sopra (I)	13-11-1902	6-11-1972	70	Turim (I)	Sb
182	Sac. VOGRINCIC Francisco	Cankova (YU)	14-11-1895	18-11-1972	77	Kapela (YU)	Jj
183	Sac. WASEL Guilherme	Berrendorf (D)	31-05-1884	4-10-1972	88	Sannerz (D)	Kö
184	Coad. ZANOVELLO João	Legnago (I)	6-02-1896	28-09-1972	76	Treviglio (I)	Lo

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Moóca, 766 (Moóca)
Fone: 279-1211 — P.A.B.X.
Caixa Postal, 30.439
SÃO PAULO

